

Museu Memorial **IYÁ DAVINA**



ILÊ OMOLU OXUM

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Museu Memorial Iyá Davina / [Mãe Meninazinha de Oxum (Maria do Nascimento), Mãe Nilce de Iansã (Nilce Naira Nascimento), Marco Antonio Teobaldo]. -- 1. ed. -- São João de Meriti, RJ : Ilê Omolu Oxum, 2026.

Vários colaboradores.
ISBN 978-65-978999-0-6

1. Candomblé (Culto) - História 2. Cultura afro-brasileira 3. Museu Memorial Iyá Davina - Rio de Janeiro - História 4. Rio de Janeiro (Cidade) - Descrição I. Oxum, Mãe Meninazinha de (Maria do Nascimento). II. Iansã, Mãe Nilce de (Nilce Naira Nascimento). III. Teobaldo, Marco Antonio.

26-334156.3

CDD-069.98153

Índices para catálogo sistemático:

1. Museu Memorial Iyá Davina : Rio de Janeiro :
Estado : História 069.98153

Aline Grazielle Benitez - Bibliotecária - CRB-1/3129

Museu Memorial **IYÁ DAVINA**





Foto: Marco Antonio Teobaldo (2021)

Museu Memorial **IYÁ DAVINA**

FICHA TÉCNICA

Coordenação geral: **Mãe Meninazinha de Oxum**

Coordenação de projetos: **Mãe Nilce de Iansã**

Coordenação de administração: **Pai Wilton da Costa de Oxalá**

Idealização do projeto original do Museu: **Ekeidi Margarida Menezes e Ogã Ricardo Freitas**

Curadoria e textos: **Egbomi Marco Antonio Teobaldo de Oxóssi**

Museologia: **Mario de Souza Chagas e Egbomi Marco Antonio Teobaldo de Oxóssi**

Educativo: **Egbomi Adeolá Marques de Oxum**

Conservação de acervo têxtil: **Manon Salles**

Documentação museológica: **Lívia Martins de Barros**

Fotografia: **Alex Ferro**

Projeto gráfico: **Egbomi Marco Antonio Teobaldo de Oxóssi**

Revisão de textos: **Egbomi Letícia Peçanha de Ogum**

Plotagem e adesivação: **GR Sign Comunicação Visual**

Produção de vitrines e molduras: **Letícia Pirmez**

Marceneiro: **Erick José Machado**

Molduraria: **Estilo Fino Molduras**

Displays em metal: **Adilson Alves Coelho e Bira Afonso Ribeiro Costa**

Assessoria de imprensa: **CWeA Comunicação - Cláudia Noronha, Walter Clemente e Lilian Diniz**

Adequação do espaço expositivo: **WG Reformas**

Produção: **Quimera Empreendimentos Culturais e Companhia Expográfica**



Foto: Marco Antonio Teobaldo (2021)

ÍNDICE

O banco da minha avó	06
O legado de Iyá Davina de Omolu	08
Museu Memorial Iyá Davina	10
Iyá Marcolina de Oxum	14
Pai Procópio de Ogum.....	15
Iyá Davina de Omolu	16
Mãe Meninazinha de Oxum	17
Acervo	18
Acervo Iconográfico	56
Plano Político Pedagógico e Museológico	66
Referências	92

O BANCO DA MINHA AVÓ

Desde cedo, aprendi com a minha avó Dadá sobre a importância de cuidar de nossas coisas, porque antigamente tudo era muito mais difícil de conseguir. Era assim na vida de cada um e na vida do terreiro, com as nossas roupas, itens de uso pessoal e da família toda, mas principalmente, do sagrado. Logo na minha iniciação, minha mãe Oxum revelou que não precisaria fazer novas paramentas para ela, pois havia na casa o abebé e o obé que ela usaria. Na verdade, eram as ferramentas da falecida Mãe Madalena (Oxum Tóki), que minha avó tinha guardado. Por isso, eu sempre tive este cuidado, porque este legado faz parte da nossa história e precisa ser tratado com todo o respeito.

O terreiro de Casa-Grande de Mesquita praticamente não abriu mais suas portas depois que Iyá Davina se foi, em 1964. Foi, então, que recebemos a missão de trazer do Ilê Ogunjá e acolher o assentamento de Omolu, que havia herdado de minha avó. Em agosto de 1967, eu e minha irmã, Ekedì Dininha de Oxóssi, fomos de ônibus até Salvador, para buscar o nosso pai Omolu. Na volta, fomos recebidas com grande alegria em nossa casa em Ramos, de onde o assentamento só saiu para ir à sua nova morada, em 1968, no Ilê Omolu Oxum, na Marambaia, município de Nova Iguaçu. Ficamos por lá quase cinco anos, até virmos para São Mateus.

Ao longo dos anos, procurei seguir os passos da minha mãe de santo e preservar o nosso patrimônio sagrado. Eu queria um espaço para contar a nossa história em um museu de memórias e um objeto em especial me despertou esta ideia, que foi o banco da minha avó, feito em madeira com uma gaveta para ela guardar o seu cachimbo e o fumo de rolo. O móvel foi um presente do Ogã Ruy de Omolu em 15 de junho de 1951, por ocasião da celebração do odun de Iyá Davina.



Mãe Meninazinha de Oxum e o banco de Iyá Davina
Ilê Omolu Oxum - São João de Meriti (RJ)
Fotografia: Marco Antonio Teobaldo
25 de maio de 2021

Na época em que eu tive essa ideia, parecia maluquice ter um museu em um terreiro, mas graças à competência e dedicação da Ekedí Margarida Menezes e do Ogã Ricardo Freitas, conseguimos o fato inédito de criar, em 1997, um museu em homenagem à Iyá Davina de Omolu, a partir dos bens sagrados, fotografias e documentos guardados durante todos estes anos. Somos o primeiro museu do gênero no estado do Rio de Janeiro, que trata da história do candomblé a partir da trajetória de nossa família de axé.

Muita coisa aconteceu de lá para cá, até mesmo um temporal atingiu o nosso museu, alguns anos atrás, mas nós conseguimos recuperar tudo novamente e, depois de vinte e quatro anos de sua fundação, em 29 de maio de 2021, remontamos a exposição do Museu Memorial Iyá Davina, com uma equipe de profissionais coordenada pela Iyá Egbé de nossa casa, Mãe Nilce de Iansã, e com a curadoria do Egbomi Marco Antonio Teobaldo de Oxóssi.

Temos recebido muito reconhecimento do povo de terreiro, da sociedade civil, das instituições de ensino e do governo. Estamos inspirando outros terreiros a preservarem o seu sagrado e, até mesmo, a criarem os seus museus. Eu só tenho a agradecer a todos os orixás, por permitirem que este sonho se tornasse uma linda realidade.

Atotô!

**Mãe Meninazinha de Oxum
Iyalorixá do Ilê Omolu Oxum
Fundadora do Museu Memorial Iyá Davina**



O LEGADO DE IYÁ DAVINA DE OMOLU

Há histórias que não cabem em uma única vida. Há legados que transbordam o tempo e se multiplicam em gestos, ensinamentos e axé. Quando penso em minha bisavó, Iyá Davina de Omolu, carinhosamente chamada de Dadá por toda a família, não vejo apenas uma grande sacerdotisa do candomblé carioca, mas uma verdadeira força ancestral que moldou quem somos e como honramos nossa fé até hoje.

Nos anos 1950, quando o candomblé ainda enfrentava tantas barreiras e perseguições do Estado e precisava se fortalecer através da união, Dadá era uma das matriarcas que percorria o Rio de Janeiro ajudando a abrir terreiros, consolidando casas de axé, tecendo uma rede de proteção espiritual e comunitária. Naquele tempo, os recursos eram outros, bem diferentes dos que temos hoje. Não havia telefones para combinar visitas, nem transportes fáceis. Tudo dependia da disposição, da fé e dos pés no chão. E foi exatamente nesse contexto que Dadá me levava consigo, ainda menina, para os terreiros que ela ajudava a erguer e fortalecer.

Lembro-me das caminhadas, do peso das sacolas com os apetrechos sagrados, do cheiro de ervas frescas que sempre a acompanhava. Eu era pequena, mas meus olhos captavam tudo: a reverência com que era recebida, o respeito que seu nome inspirava, a sabedoria que emanava

de cada gesto e palavra. Dadá não apenas abria terreiros: ela plantava sementes de tradição, de conhecimento ancestral, de pertencimento. Cada casa que ela ajudava a fundar era um elo a mais na corrente sagrada que nos conecta aos orixás e aos nossos antepassados africanos.

Para mim, aquelas passagens eram uma escola viva. Aprendi observando como ela conduzia os rituais, como orientava os filhos de santo, como resolvia conflitos com firmeza e ternura. Aprendi que ser do candomblé é compromisso, dedicação, respeito profundo pelas tradições e amor incondicional pela comunidade. Dadá me ensinou, sem palavras, que o axé se transmite no cuidado diário, na presença constante, na responsabilidade de guardar e passar adiante o que nos foi confiado.

O legado de Iyá Davina de Omolu seguiu seu curso natural através de sua neta, Mãe Meninazinha de Oxum, a quem reverenciamos com profundo respeito e gratidão. Mãe Meninazinha de Oxum recebeu de Dadá os fundamentos litúrgicos do candomblé e o exemplo de liderança amorosa, de firmeza nos princípios e de generosidade no trato com a comunidade. Sua presença em nossa história é a prova viva de que o axé de Iyá Davina se multiplica e se renova, mantendo-se forte e atuante através daqueles que tiveram a bênção de receber seus ensinamentos.

Um dos símbolos mais preciosos desse legado, e do qual nos orgulhamos muito, está hoje preservado em nosso Museu: a sua máquina de costura. Aquela máquina, com sua estrutura de ferro e madeira, testemunhou e participou de momentos fundamentais da nossa história. Foi nela que Dadá ensinou suas filhas de santo a costurarem suas próprias indumentárias sagradas. Cada ponto dado naquela máquina carregava intenção e certeza de que estávamos nos vestindo com respeito e devoção aos orixás.

A história daquela máquina também testemunhou a trajetória de minha mãe, Ekedi Dininha de Oxóssi. Pelas suas mãos habilidosas, saíram daquela mesma máquina inúmeras fantasias para a Estação Primeira de Mangueira, para o Afoxé Omon Xapanã (primeiro afoxé de mulheres do Rio de Janeiro, que ela fundou) e para sua ala no Afoxé Filhos de Gandhi do Rio de Janeiro. Era como se os fios que costuravam os trajes sagrados do candomblé se entrelçassem naturalmente aos fios que vestiam a Mangueira e os afoxés, numa demonstração linda de que cultura e fé fazem parte da construção da identidade do nosso povo.

Preservar essa máquina é manter viva a memória de todas as mãos que trabalharam com maestria e dedicação, é honrar o legado de mulheres fortes que sustentaram famílias, comunidades e tradições. É preciso lembrar às novas gerações que nossos ancestrais construíram tudo o que temos hoje com recursos limitados, mas com uma riqueza imensurável de sabedoria e criatividade.

Iyá Davina nos presenteou com exemplos de vida, histórias de coragem, memórias de afeto. Deixou-nos a certeza de que, mesmo nos tempos mais difíceis, a fé e a união podem transformar realidades. Deixou-nos o compromisso de cuidar uns dos outros, de preservar nossas raízes, de honrar nossos orixás com dignidade e alegria.

São tantas as lembranças, tantos os relatos, tantos os ensinamentos, que uma única publicação jamais daria conta de abarcar a grandeza de Iyá Davina de Omolu. Porém, cada texto, cada memória compartilhada, cada objeto preservado é uma forma de mantê-la viva entre nós, de fazer com que as novas gerações conheçam e se inspirem nessa mulher extraordinária que, com suas mãos, sua fé e seu amor, ajudou a construir o candomblé que conhecemos hoje no Rio de Janeiro.

Que Omolu, nosso pai, continue abençoando sua memória. Que seu axé permaneça forte e atuante em cada um de nós. E que tenhamos sempre a sabedoria de honrar e preservar o legado que ela, com tanto amor e dedicação, nos deixou.

Axé!

Mãe Nilce de Iansã
Iyá Egbé do Ilê Omolu Oxum
Coordenadora de projetos socioculturais

MUSEU MEMORIAL IYÁ DAVINA

Fundado em 26 de julho de 1997, o Museu Memorial Iyá Davina representa marco importante na história da Museologia de Terreiro brasileira, configurando-se como território vivo de preservação da memória afro-brasileira e espaço de resistência cultural. Sua criação, por Mãe Meninazinha de Oxum, não constituiu mera adaptação de modelos museológicos convencionais aos espaços religiosos, mas o desdobramento natural de práticas de resistência já consolidadas nas comunidades de terreiro, que, há séculos, operam como verdadeiros repositórios da memória afro-diaspórica.

O Museu Memorial honra a trajetória de Iyá Davina de Omolu, matriarca que personifica o movimento de expansão territorial das tradições nagô-ketu da Bahia para o Rio de Janeiro, no início do século XX. Sua chegada e seu marido, o Ogã Theófilo Marcelino Pereira, à então capital federal, em 1920, não representou apenas deslocamento geográfico individual, mas constituiu parte fundamental da diáspora do axé, carregando consigo conhecimentos, práticas rituais e genealogias espirituais que se enraizariam em novo território.

O acervo preservado revela múltiplas camadas dessa história migratória: a organização dos primeiros terreiros e rodas de samba na Região Portuária carioca, a partir de sua associação com

o babalorixá João de Alabá; o posterior deslocamento dos povos de terreiro para a Baixada Fluminense, com a fundação do terreiro de Casa-Grande de Mesquita; e a formação de inúmeros núcleos de resistência, que mantiveram vivas as tradições ancestrais em contextos marcados pela perseguição religiosa e pela marginalização das culturas afro-brasileiras.

Diferentemente dos museus convencionais, que privilegiam classificações baseadas em tipologias de objetos ou períodos históricos, o Museu Memorial Iyá Davina se organiza através das linhagens espirituais que conectam as gerações dos iniciados. Esta lógica genealógica expressa concepção de tempo e memória específicas das cosmologias afro-brasileiras, nas quais o passado não é instância distante e encerrada, mas força viva que atua no presente através das cadeias iniciáticas.

Esta linhagem genealógica espiritual funciona simultaneamente como estrutura narrativa, princípio organizador do acervo e afirmação da continuidade das tradições. Cada filho ou filha de santo do Ilê Omolu Oxum se conecta aos ancestrais através das sucessivas gerações de iniciação, mantendo viva a transmissão do axé que fundamenta a identidade religiosa e legitima as práticas rituais.

Os bens sagrados preservados pelo Museu Memorial Iyá Davina transcendem a categoria de artefatos históricos, mantendo sua dimensão de entidades dotadas de axé, que estabelecem relações dinâmicas com a comunidade religiosa. Entre as peças emblemáticas, destacam-se a espada de Ogunjá pertencente a Pai Procópio de Ogum, o xaxará de Omolu pertencente à Iyá Davina, e a delicada tigela de faiança, onde estava o assentamento da Oxum de Iyá Davina. Cada bem sagrado exposto carrega histórias e personagens que constituem a própria tessitura da memória comunitária.

O acervo iconográfico, formado a partir de álbuns fotográficos antigos, está sendo sistematicamente digitalizado e restaurado para garantir acesso às futuras gerações. Este trabalho de documentação visual preserva os rostos e momentos, além dos sentidos que conferem significado às práticas culturais afro-brasileiras, operando como tentativas de apagamento das narrativas dos grupos sociais historicamente marginalizados.

A reserva técnica, instalada no espaço que originalmente abrigava o Museu, guarda todos os objetos inventariados que não integram a exposição de longa duração, incluindo, por exemplo, a porta original do quarto de Oxum dos tempos da Marambaia, testemunho material da trajetória do terreiro.

Em gesto visionário e vanguardista, Mãe Meninazinha de Oxum transformou o barracão do terreiro em espaço expositivo, integrando organicamente a dimensão museal ao cotidiano religioso. Esta solução arquitetônica e conceitual rompe com a separação rígida entre espaços sagrados e expositivos, característica dos museus convencionais, permitindo que o acervo seja vivenciado com maior frequência e acessibilidade.

Seguindo uma tradição consolidada nos terreiros de candomblé de exibir nas paredes retratos dos mais velhos, evocando suas histórias, a exposição instalada no barracão permite que preservação da memória e continuidade cultural se articulem de forma orgânica. Trata-se de uma museologia viva, onde os bens mantêm sua força ritual e sua inserção nas cosmologias comunitárias, evitando a dessacralização e transformação em peças meramente contemplativas.

Esta concepção inovadora contribui significativamente para processos de decolonização museológica, questionando hierarquias epistemológicas, que historicamente privilegiaram saberes ocidentais em detrimento das epistemologias afro-brasileiras. Ao converter o ambiente sagrado dos orixás em espaço de preservação da memória coletiva, o Museu Memorial constitui expressão genuína da Museologia de Terreiro, enraizada em cosmologias e formas de organização social específicas das comunidades tradicionais e religiosas de matriz africana.



A ação pioneira de Mãe Meninazinha de Oxum ao fundar o Museu Memorial Iyá Davina tornou-se referência para outros terreiros, que despertaram para a importância da preservação daquilo que ela denomina "nossas coisas". Intuitivamente alinhada aos princípios da Museologia Social, que posteriormente fundamentariam teoricamente estas práticas, ela demonstrou como as próprias comunidades de terreiro podem assumir protagonismo na preservação e valorização de seus patrimônios culturais e religiosos.

Atualmente, multiplicam-se iniciativas similares por todo Brasil, configurando rede de resistência contra o apagamento da memória dos povos afro-brasileiros e garantindo que suas histórias sejam contadas por suas próprias vozes, evitando distorções e apropriações indevidas. O Museu Memorial Iyá Davina permanece como expressão da capacidade das comunidades de terreiro de desenvolver estratégias museológicas que articulam tradição ancestral e contemporaneidade, mantendo vivas as experiências coletivas e intergeracionais, que se traduzem em narrativas compartilhadas.

Além de conservar bens materiais e documentos, o Museu Memorial Iyá Davina mantém vivos os significados, os saberes marginalizados e as narrativas que foram silenciadas, questionando as versões oficiais do passado brasileiro. Cada bem exposto, cada relato transmitido, cada ritual preservado constitui ato de resistência ao esquecimento imposto, afirmando a dignidade e riqueza civilizatória das culturas afro-brasileiras.

Marco Antonio Teobaldo
Egbomi de Oxóssi
Curador e Museólogo

Omolu (detalhe)
Ilê Omolu Oxum - São Mateus (RJ)
1979





Ekedi Solange de Oxaguiã, Ekedi Hilda de Oxalá e Ekedi Zeneide de Nanã.

Foto: Marco Antônio Teobaldo (2021)

IYÁ MARCOLINA DE OXUM

(Nascida em Abeocutá - Nigéria, na década de 1830 – falecida em Salvador - BA, na década de 1940)

Iyá Marcolina era de origem iorubá da etnia igbomina, povo que atualmente se situa nas regiões norte e leste, respectivamente, dos estados de Osun e Kwara, na Nigéria. Por conta das sucessões de terras dos filhos e netos de Odudua, houve uma diáspora de seu povo rumo ao oeste nigeriano. Neste movimento migratório, Marcolina foi uma das muitas crianças de origem igbomina nascidas no exílio de seu povo, em Abeokutá, em terra Egbá. Ainda na infância, ela foi iniciada para Yèyè Òkè e recebeu o nome Òsùnwonyin. Em sua adolescência, foi capturada, sequestrada e escravizada, tendo sido enviada ao estado da Bahia, no Brasil. Sem abandonar suas raízes, manteve o okutá de Oxum escondido em seu peito durante o trajeto pelo Atlântico.

Por volta dos 16 anos, teve sua alforria comprada por seus conterrâneos e passou a cultuar seus ancestrais junto a essa nova família, em Ilhéus, onde desenvolveu os conhecimentos tradicionais de seu povo a respeito de Babá Egungún e Iyami Eleyé, principalmente. À época da abolição da escravidão, passou a viver com um alufá africano, do qual não se sabe exatamente o nome, mas cuja origem supõe-se que era um malê iniciado para Obatalá, sendo ele responsável pela iniciação dos filhos de Iyá Marcolina nos mistérios de Ifá.

O templo de Iyá Marcolina era consagrado a Obatalá, que além de ser o orixá de seu marido, é o orixá soberano dos Igbominas. O terreiro foi estabelecido na Estrada da Liberdade, na altura da Cidade da Palha (atualmente Cidade Nova, em Salvador, Bahia). Na cumeeira do barracão, ficava a cabaça com o okutá de Yèyè Òkè. Iyá Marcolina falava fluentemente o idioma iorubá, tinha profundo conhecimento das folhas e o seu sacerdócio era baseado nos conhecimentos religiosos da tradição de sua etnia e de seu marido, não pertencendo a nenhum axé originado na Bahia. Por isso, era conhecido como candomblé muçurumim ou culto dos alufás, ou seja, um templo dedicado à cultura negra malê.

Iyá Marcolina de Oxum foi a primeira sacerdotisa de origem nagô a iniciar um homem como elegun: Procópio Xavier de Souza, Pai Procópio de Ògún. Por este motivo, foi afastada e banida pelas outras casas de candomblé da Bahia. Mesmo assim, era respeitada pelo povo do jeje de Cachoeira, de Boa Ventura, São Félix, dentre outros. Era uma das detentoras dos segredos da Irmandade da Boa Morte, da qual participou da criação, sendo sua madrinha. Sua vida foi envolvida em mistérios e até hoje não se sabe ao certo a data de seu nascimento ou de sua morte, que se estima ter ocorrido aos quase 110 anos. Relata-se que, pressentindo sua passagem, devolveu ao rio o okutá de Oxum, trazido em seu peito durante a travessia do Atlântico.

PAI PROCÓPIO DE OGUM

(Nascido em Salvador - BA, entre 1860 e 1865 - falecido em Salvador - BA, em 29 de novembro de 1958)

Procópio Xavier de Souza foi iniciado pela sacerdotisa Iyá Marcolina de Oxum, da Cidade da Palha, no final do século XIX, de quem recebeu o nome religioso Ògún Jobí (“aquele que Ògún ajudou a gerar”). Pai Procópio era um homem de Obatalá (Babá Ajalá), que entregou seu orí a Ogum. Em 1906, fundou o terreiro Ilê Ogunjá, situado no Baixão, em Salvador, mais precisamente sobre o Vale do Gunokô (espaço consagrado ao culto de Babá Igunnukò), ancestral cultuado pelos alufás mussurumis e igbominas.

O número de pessoas iniciadas, além da famosa feijoada anual oferecida na festa de Ogum, contribuiu para o reconhecimento do terreiro. Outro fator fundamental para o seu reconhecimento foi o fato de ter participado do processo de legitimação da resistência do candomblé, durante a perseguição às religiões afro-brasileiras promovida pelo Estado Novo, durante o governo de Getúlio Vargas.

Profundo conhecedor das ervas, possuía um herbário no Gravatá, perto de sua residência. Possuía forte relação com o terreiro do Alaketu, onde auxiliou Dona Dionísia (mãe de santo àquela época) na iniciação de dezenas de barcos, inclusive da iyalorixá do terreiro, Olga Francisca Régis (Mãe Olga de Alaketu) e Tia Delinha d'Ògún (em Miguel Couto, em Nova Iguaçu), de quem foi Pai Pequeno.

Eram terreiros irmãos e, por isso, possuíam casas especiais para abrigar os integrantes da comunidade visitante. Essa parceria entre os dois terreiros fez com que bens sagrados do Terreiro do Alaketu, que estavam em temporada no Ilê Ogunjá, fossem apreendidos pela polícia e marcados como peças do terreiro de Pai Procópio, o que comprova a sua imensa familiaridade com Mãe Dionísia Francisca Régis.

Além da perseguição pela polícia, Procópio de Ògún não era aceito por alguns templos religiosos, na Bahia. Foi alvo de discriminação e era pejorativamente considerado homossexual porque parte do povo de terreiro entendia que homem somente poderia ser ogã, e não iniciado para elegun.

No entanto, apesar de ter enfrentado tantas adversidades impostas por inimigos e pela comunidade de terreiro local, que forjou seu temperamento forte, era conhecido por ser uma pessoa tranqüila, mas que impunha respeito com energia.



Obé de Ogunjá de Pai Procópio (detalhe)
Terreiro da Cidade da Palha - Salvador (BA)
Final do século XIX

IYÁ DAVINA DE OMOLU

(Nascida em Salvador - BA, em 15 de agosto de 1880 - falecida no Rio de Janeiro - RJ, em 3 de junho de 1964)

Davina Maria Pereira era filha de Omolu e Oxalá e foi iniciada em 24 de julho de 1910, por Pai Procópio de Ògún, no Ilê Ogunjá, situado no Baixão, antigo Matatu Grande, em Salvador. Ela se mudou em 1920 para a cidade do Rio de Janeiro, junto ao marido e ogã do Ilê Ogunjá, Theóphilo Marcelino Pereira, fixando-se inicialmente no bairro da Saúde, na Região Portuária. Sua residência serviu de referência e hospedagem provisória aos conterrâneos que migravam para a cidade, de tal forma que o lugar ficou conhecido como "Consulado Baiano".

Ela se ligou ao terreiro do Babalorixá João Alabá, localizado à Rua Barão de São Félix, já famoso naquele tempo e frequentado por figuras ilustres da cultura carioca. Após a morte do pai de santo em 1926, a casa religiosa mudou-se com a sua sucessora, Tia Pequena de Oxalá e seu esposo Vicente Bankolê, com ajuda de Iyá Davina, para o bairro de Bento Ribeiro, onde permaneceram até 1932. Depois disso, foram para Mesquita, onde instalaram a primeira roça de candomblé da Baixada Fluminense. Com o nome de Sociedade Beneficente da Cruz Santa de Nosso Senhor do Bonfim, a Casa-Grande de Mesquita, após a morte de Tia Pequena, passou a ser comandada por Iyá Davina, até seu falecimento, em 1964, sendo a última iyalorixá daquele axé.

Iyá Davina participou da fundação de inúmeros terreiros no Rio de Janeiro, como: Terreiro Bate Folha de João Lessengue; Axé Opô Afonjá, de Mãe Agripina; Terreiro de São Gerônimo e Santa Bárbara, de Mãe Senhorazinha; Ilê Nidê, de Seu Ninô d'Ogun. Foi, também, madrinha de orunkó do barco de Pai Zézinho da Boa Viagem.

Iyá Davina de Omolu foi uma das importantes personalidades baianas que trouxeram vários aspectos da matriz afro-brasileira para o Rio de Janeiro, contribuindo desta forma para a formação, preservação e manutenção das tradições religiosas e culturais.

Xaxará de Omolu (detalhe)
Ilê Omolu Oxum - Marambaia (RJ)
1968



MÃE MENINAZINHA DE OXUM

(Nascida no Rio de Janeiro - RJ, em 18 de agosto de 1937)

Maria do Nascimento, Mãe Meninazinha de Oxum, nasceu em 1937, no Rio de Janeiro, e cresceu no bairro de Ramos. Em 1960, foi iniciada no culto aos orixás por sua avó biológica, Iyá Davina de Omolu, no terreiro Casa-Grande de Mesquita. Herdeira desse legado, fundou, em 1968, o Ilê Omolu Oxum, onde iniciou mais de trezentos filhos de santo. Tornou-se uma das pioneiras na transformação dos terreiros em espaços de acolhida e aprendizado, para além das celebrações rituais. Na década de 1980, durante uma ação civil pública, foi articuladora central na luta pela liberdade religiosa no país.

Movida pelo desejo de preservar a memória do povo de terreiro, criou em 1997 o Museu Memorial Iyá Davina, que reúne bens sagrados e de uso cotidiano, fotografias raras e documentos de sua família de axé. Indignada com a situação dos objetos sagrados apreendidos pelo poder público entre 1889 e 1946, mantidos como troféus no Museu da Polícia, Mãe Meninazinha liderou o movimento “Liberte Nosso Sagrado”, criado em 2017, junto a outras lideranças de religiões de matriz africana.

Após longo embate político e judicial que mobilizou a sociedade brasileira, em 21 de setembro de 2020, os 519 (quinhentos e nove) bens sagrados foram transferidos definitivamente para o Museu da República, onde são custodiados de forma digna por um Grupo de Gestão Compartilhada, formado por representantes das religiões de matriz africana. Por essa atuação histórica, em 2023, foi homenageada pela Escola de Samba Unidos da Ponte com o enredo “Liberte Nosso Sagrado: a luta ancestral de Mãe Meninazinha de Oxum”, e no ano seguinte, recebeu o Prêmio Rodrigo de Melo Franco, depois de uma rigorosa seleção nacional, conferido pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN).

Antes disso, em 10 de junho de 2010, a Assembleia Legislativa do Estado do Rio de Janeiro (ALERJ) conferiu-lhe a Medalha Tiradentes, a mais alta condecoração fluminense. Ao longo de décadas de luta pela preservação e pelo fortalecimento do povo do axé, Mãe Meninazinha de Oxum acumulou dezenas de homenagens e premiações, que a consagram como uma das principais referências do candomblé no Brasil.

Abebé da Oxum de Mãe Madalena (detalhe)

Casa-Grande de Mesquita (RJ)

1940





ACERVO

DE BENS SAGRADOS E DE USO COTIDIANO



Azé de Omolu de Iyá Davina

Palha da costa trançada e búzios

126 x 50 x 4 cm

Casa Grande - Mesquita (RJ)

sem data



Banco de Iyá Davina

Presente dado pelo Ogã Ruy de Oxóssi, que era ogã do Omolu de Iyá Davina
Móvel em madeira com gaveta, placa em metal com
gravação, assento com revestimento em tecido

55 cm x 50,5 cm x 36 cm

Casa-Grande - Mesquita (RJ)

15 de junho de 1951





Xaxará do Omolu de Iyá Davina

Restaurado pelo Ogã Roque Cupertino de Lima - Doum
Taliscas de dendezeiro, tecido, contas, búzios.

40 x 11 x 11 cm

Ilê Ogunjá

Salvador (BA)

1910



Lagdibá de Iyá Davina de Omolu

Discos de chifre de búfalo, corais e firmas
dimensões variadas

Ilê Axé Ogunjá

Salvador (BA)

Aprox. 1910



Tigela de assentamento

Recipiente do assentamento da Oxum de Iyá Davina

Faiança adornada com motivo floral

10 x 5 x 6 cm

Ilê Axé Ogunjá

Salvador (BA)

1910



Obé de Ogunjá de Pai Procópio

Gravação em metal com desenho de dois peixes e um adê.

Em detalhe, o peixe de uma das extremidades.

Terreiro da Iyá Marcolina Cidade da Palha

Salvador (BA)

Final do século XIX



Obé de Ogunjá de Pai Procópio

Metal com desenho gravado na lâmina

7 x 35 X 3 cm

Terreiro de Iyá Marcolina da Cidade da Palha
Salvador (BA)

Final do século XIX

Oxê de Xangô

Herança de Casa-Grande de Mesquita
Metal com gravações
36,5 x 10 x 3 cm
Terreiro de João Alabá
Rio de Janeiro (RJ)
Final do século XIX

**Oxê de Xangô**

Herança de Casa-Grande de Mesquita
Metal
37 x 15 x 1,5 cm
Terreiro de João Alabá
Rio de Janeiro (RJ)
Final do século XIX

**Xere de Xangô**

Herança de Casa-Grande de Mesquita
Metal em policromia com gravações
9 x 32 x 9 cm
Terreiro de João Alabá
Rio de Janeiro (RJ)
Final do século XIX



Oxê de Xangô

Herança de Casa-Grande de Mesquita

Madeira entalhada

36 x 8 x 4 cm

Ilê Ogunjá

Salvador (BA)

Início do século XX

Oxê de Xangô

Herança de Casa-Grande de Mesquita

Madeira entalhada

32 x 10 x 3 cm

Ilê Ogunjá

Salvador (BA)

Início do século XX

Oxê de Xangô

Herança de Casa-Grande de Mesquita

Madeira entalhada

50 x 10 x 7 cm

Ilê Ogunjá

Salvador (BA)

Início do século XX

Abebé da Oxum de Tia Esmeralda

Metal

29 x 26 x 0,4 cm

Casa Grande de Mesquita (RJ)

1937



Obé da Oxum de Tia Esmeralda

Metal

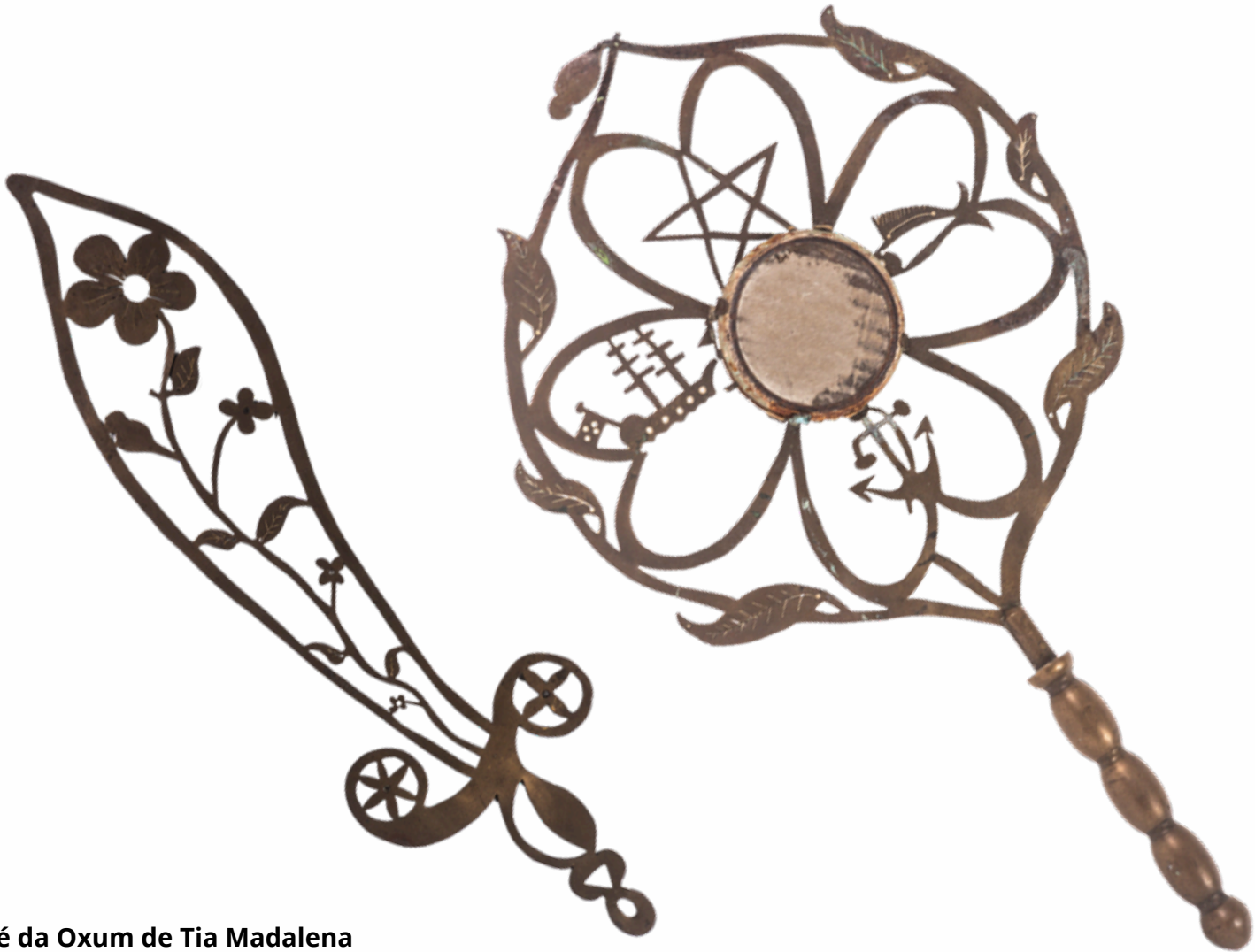
6 x 34 x 0,1 cm

Casa Grande de Mesquita (RJ)

1937

Abebé da Oxum de Tia Madalena

Paramenta utilizada pela Oxum de Mãe Meninazinha em 1960
Metal recortado, com gravações e cabo torneado, com espelho
30 x 25 x 0,4 cm
Casa-Grande de Mesquita (RJ)
1940



Obé da Oxum de Tia Madalena

Paramenta utilizada pela Oxum de Mãe Meninazinha em 1960
Metal
32 x 9 x 0,1 cm
Casa-Grande de Mesquita (RJ)
1940



Balaio de Omolu

Balaio que levou o assentamento de Omolu
de Iyá Davina, de Salvador ao Rio de Janeiro

Vime trançada

25 x 41 cm

Rio de Janeiro (RJ)

1967



Porta do quarto de Oxum

Madeira em policromia e metais

198 x 67,7 x 8 cm

Ilê Omolu Oxum - Marambaia

Nova Iguaçu (RJ)

1968



Gan

Metal

19 x 9 x 4,5 cm

Ilê Omolu Oxum - Marambaia

Nova Iguaçu(RJ)

1968

Adjá de Oxalá

Metal

20 x 5 x 4 cm

Ilê Omolu Oxum - Marambaia

Nova Iguaçu (RJ)

1968

Adjá

Metal com gravações

23 x 10 x 10 cm

Ilê Omolu Oxum - Marambaia

Nova Iguaçu (RJ)

1968



Adé da Oxum de Mãe Meninazinha

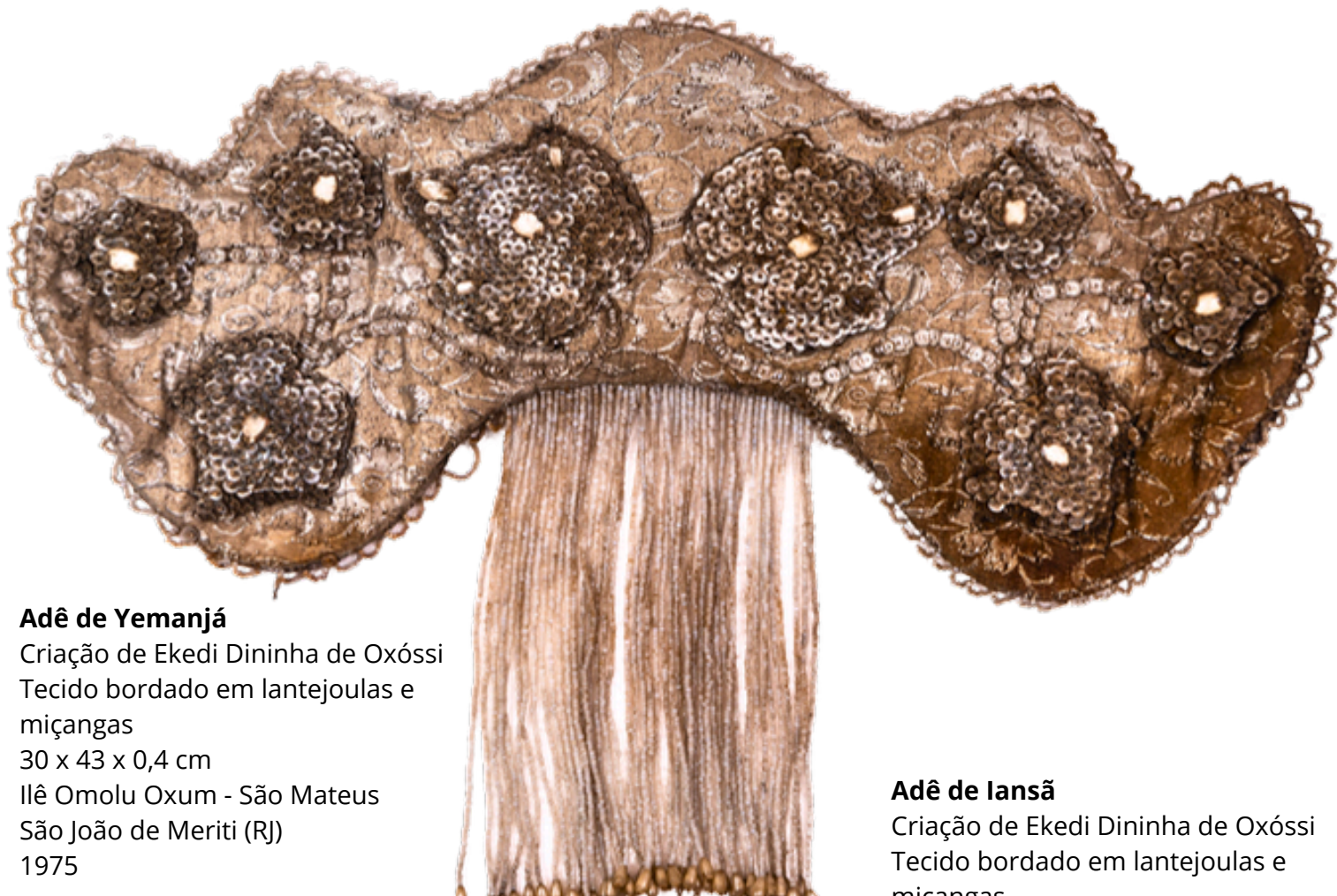
Metal recortado, com pedrarias

12 x 24 x 24 cm

Ilê Omolu Oxum - São Mateus

São João de Meriti (RJ)

1975



Adê de Yemanjá

Criação de Ekedi Dininha de Oxóssi

Tecido bordado em lantejoulas e
miçangas

30 x 43 x 0,4 cm

Ilê Omolu Oxum - São Mateus

São João de Meriti (RJ)

1975

Adê de Iansã

Criação de Ekedi Dininha de Oxóssi

Tecido bordado em lantejoulas e
miçangas

15 x 43 x 0,4 cm

Ilê Omolu Oxum - São Mateus

São João de Meriti (RJ)

1975





Adê de lانسã

Criação de Ekedi Dininha de Oxóssi
Tecido bordado em lانسجoulas e miçangas

20 x 43 x 0,4 cm

Ilê Omolu Oxum - São Mateus
São João de Meriti (RJ)

1975



Adê de lانسã

Criação de Ekedi Dininha de Oxóssi
Tecido bordado em lانسجoulas e miçangas

20x 43 x 0,4 cm

Ilê Omolu Oxum - São Mateus
São João de Meriti (RJ)

1975

Eruexim de Iansã de Mãe Djanira

Metal com gravação em alto relevo

27 x 38 x 4 cm

Ilê Omolu Oxum - São Mateus

São João de Meriti (RJ)

1975



Obé de Iansã de Mãe Djanira

Metal com gravação em alto relevo

35 x 12 x 5 cm

Ilê Omolu Oxum - São Mateus

São João de Meriti (RJ)

1975





Par de braceletes da Iansã de Mãe Djanira

Metal com gravação em alto relevo

8 x 10 cm

Ilê Omolu Oxum - São Mateus

São João de Meriti (RJ)

1975



Par de punhos da Iansã de Mãe Djanira

Metal com gravação em alto relevo

14 x 7 cm

Ilê Omolu Oxum - São Mateus

São João de Meriti (RJ)

1975



Fio de contas da Oxum de Mãe Meninazinha

Contas e miçangas

56 x 12 x 1,5 cm

Ilê Omolu Oxum - São Mateus

São João de Meriti (RJ)

1975



Abebé de Oxum

Lembrança dos 25 anos de Oxum de Mãe Meninazinha

Metal policromado, com gravações

14,2 x 8 x 0,3 cm

Ilê Omolu Oxum - São Mateus

São João de Meriti (RJ)

1985



Abebé de Oxum

Presente de amigos

Metal policromado, com gravações,
aplicação de espelho e pedrarias

28 x 13 x 1,5 cm

Ilê Omolu Oxum - São Mateus

São João de Meriti (RJ)

sem data



Abebé de Oxum

Presente de amigos

Metal policromado, com gravações,
aplicação de espelho e pedrarias

31 x 16 x 4,2 cm

Ilê Omolu Oxum - São Mateus

São João de Meriti (RJ)

sem data



Xaxará de Omolu

Criação de Ekedi Dininha de Oxóssi
 Taliscas de dendezeiro, búzios, contas,
 tecido e palha
 53 x 10 cm
 Ilê Omolu Oxum - Marambaia
 Nova Iguaçu (RJ)
 1968



Xaxará de Omolu

Presente dado pelo Ogã João Tobioabá, do Ilê Opô Afonjá RJ
 Taliscas de dendezeiro, búzios, contas, cabaças e palha
 59 x 9,5 cm
 Ilê Omolu Oxum - São Mateus
 São João de Meriti (RJ)
 sem data



Xaxará Omolu de Iyá Davina (réplica)

Taliscas de dendezeiro, tecido, búzios e miçangas
40 x 11 cm

Ilê Omolu Oxum - São Mateus

São João de Meriti (RJ)

1997



Omolu

Presente dado pelo Ogã Wilton Costa de Oxalá

Relevo em gesso modelado e ferro, em policromia

Autoria: G. Mandarino (Gilberto Mandarino)

25 x 25 cm

Ilê Omolu Oxum - São Mateus

São João de Meriti (RJ)

1972





Omolu

Presente dado pelo nigeriano Olá Balogun, diretor do filme "A deusa negra"

Gesso modelado e ferro, em policromia

Marca em baixo relevo de NJD - Prata Bangu

52 x 12 x 23 cm

Ilê Omolu Oxum - São Mateus

São João de Meriti (RJ)

1979



Nossa Senhora da Conceição

Acervo pessoal da Iyá Davina

Madeira entalhada em policromia

23 x 13 x 8 cm

Rio de Janeiro (RJ)

Sem data





São Cosme e São Damião
Acervo pessoal da Iyá Davina
Madeira entalhada em policromia
15 x 13 x 8 cm
Rio de Janeiro (RJ)
Sem data



Oxê de Xangô

Presente dado por Jayro Pereira

Madeira entalhada

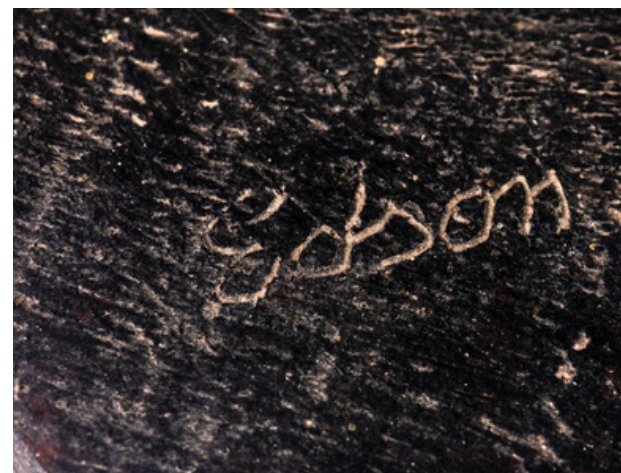
Artista: Edson

53 x 39 x 23 cm

Ilê Omolu Oxum - São Mateus

São João de Meriti (RJ)

1988



Boina do Pai Mado

Couro costurado com forro de cetim

8 x 23 cm

Ilê Omolu Oxum - São Mateus

São João de Meriti (RJ)

Sem data



Toalha de confirmação de Ekedí Enedina

Tecido com bordado em rechilieu com
inscrição central "Omolu"

86 x 77 cm

Casa-Grande de Mesquita (RJ)

1980



Máquina de costura de Iyá Davina

Metal e madeira

99 x 120 x 44,5 cm

Casa-Grande Mesquita (RJ)

Sem data



Primeiro fogão a gás industrial do terreiro

Metal

82 x 115 x 47,5 cm

Ilê Omolu Oxum - Marambaia - Nova Iguaçu (RJ)

sem data



Porrão de duas alças

Cerâmica em policromia

36 x 20 cm

Ilê Omolu Oxum - Marambaia

Nova Iguaçu (RJ)

sem data



Porrão

Cerâmica em policromia

33 x 24 cm

Ilê Omolu Oxum - Marambaia

Nova Iguaçu (RJ)

sem data



Porrão

Cerâmica em policromia

35 x 26 cm

Ilê Omolu Oxum - Marambaia

Nova Iguaçu (RJ)

sem data



Lampião

Metal e vidro

33 x 16 cm

Ilê Omolu Oxum - Marambaia

Nova Iguaçu (RJ)

1968



Lampião

Metal

33 x 16 cm

Ilê Omolu Oxum - Marambaia

Nova Iguaçu (RJ)

1968



Ferro de passar

Ferro fundido com cabo de madeira

17 x 20 x 10 cm

Ilê Omolu Oxum - Marambaia

Nova Iguaçu (RJ)

1968

Azulejo (Sereia)
Cerâmica esmaltada
15 x 15 x 0,4 cm
Rio de Janeiro (RJ)
sem data



Azulejo (Tritão)
Cerâmica esmaltada
15 x 15 x 0,4 cm
Rio de Janeiro (RJ)
sem data

*Itens resgatados de um entulho de obras do
Terreiro Bate-Folha, pelo Ogã Ricardo Freitas, em 1997.*



Homenagem à Iyá Marcolina de Oxum

Prato de cerâmica folheado a ouro, quartinha de cerâmica e fio de contas . Criação de Mãe Meninazinha de Oxum e Egbomi Marco Antonio Teobaldo de Oxóssi.

25 x 25 x 8 cm

Ilê Omolu Oxum - São Mateus

São João de Meriti (RJ)

25 de maio de 2021



Yemanjá

Presente dado pela Yemanjá de Mãe Beata de Yemanjá

Boneca em feltro, tecido e crochê

37 x 48 x 12 cm

Terreiro Ilê Axé Omiojuaro - Miguel Couto - Nova Iguaçu - RJ
sem data



Relógio de parede

Acervo de Iyá Davina

Madeira, vidro e metal

70 x 35 x 10 cm

Ramos - Rio de Janeiro (RJ)

sem data



Xaxará de Omolu e Abebé de Oxum

Autor: Ashogun Otávio Alves da Silva

Elementos da fachada do terreiro em alto-relevo
dimensões variadas

Ilê Omolu Oxum - São Mateus

São João de Meriti (RJ)

1975



Lâmina com a inscrição Memorial Yá Davina

Pintura sobre vidro jateado

40 x 30 cm

Ilê Omolu Oxum - São Mateus

São João de Meriti (RJ)

sem data



Placa sinalizadora de rua "Memorial Yá Davina"

Pintura sobre metal

40 x 50 cm

Ilê Omolu Oxum - São Mateus

São João de Meriti (RJ)

1998



Afoxé Omon Xapanã
Zeneide, Nilce e Sandra (em pé). Lindamar, Hilda e Diacuy (abaixadas)
Ramos - Rio de Janeiro (RJ)
1963

ACERVO ICONOGRÁFICO

ILÊ OGUNJÁ - SALVADOR (BA)

TERREIRO DA CASA-GRANDE - MESQUITA (RJ)

ILÊ OMOLU OXUM - MARAMBAIA - NOVA IGUAÇU (RJ)

ILÊ OMOLU OXUM - SÃO MATEUS - SÃO JOÃO DE MERITI (RJ)

ILÊ OGUNJÁ - SALVADOR - BA



Pai Procópio de Ogun
Fotografia: autor desconhecido
Salvador (BA)
s/ data



Fachada do Ilê Ogunjá
Fotografia: Ogã Ricardo Freitas
Salvador (BA)
1994



D. Crispina de Oxum e D. Tetê de Oxum
Fotografia: autor desconhecido
Ilê Ogunjá - Salvador (BA)
s/ data



D. Crispina de Oxum e D. Tetê de Oxum
Fotografia: Ogã Ricardo Freitas
Ilê Ogunjá - Salvador (BA)
1994

TERREIRO DA CASA-GRANDE - MESQUITA (RJ)



Iyá Davina de Omolu
Fotografia: autor desconhecido
Casa-Grande
Mesquita (RJ)
s/ data



Mãe Meninazinha (na janela), Maria de Lourdes, Ekedí Neide e Ekedí Dininha. Iyá Davina (ao centro)
Fotografia: autor desconhecido
Casa-Grande - Mesquita (RJ)
1951



Mãe Djanira de Iansã, Tia Florzinha de Oxaguiã, Tia Mocinha de Oxum e Lourdes de Iansã (em pé). Iyá Davina de Omolu (sentada)
Fotografia: autor desconhecido - Casa-Grande - Mesquita (RJ)
1962



Joselita de Omolu, Lourdes de Iansã e Mãe Meninazinha (em pé). Iyá Davina de Omolu (sentada) - Fotografia: autor desconhecido
Casa-Grande - Mesquita (RJ)
1962

ILÊ OMOLU OXUM

MARAMBAIA - NOVA IGUAÇU (RJ)

Fachada do Ilê Omolu Oxum
Fotografia: autor desconhecido
Marambaia - Nova Iguaçu (RJ)
1971



Rosana Costa (filha de Mãe Nilce de Iansã)
Fotografia: autor desconhecido
Marambaia - Nova Iguaçu (RJ)
1972



Mãe Meninazinha de Oxum
Fotografia: autor desconhecido
Marambaia - Nova Iguaçu (RJ)
1972





Mãe Meninazinha, Rosana, Luis Cláudio, Valéria, Solange e Rosinha
Fotografia: autor desconhecido
Marambaia - Nova Iguaçu (RJ)
1972



Mãe Meninazinha e Luis Cláudio
Fotografia: autor desconhecido
Marambaia - Nova Iguaçu (RJ)
1972



Mãe Djanira de Iansã e Valéria ao fundo
Fotografia: autor desconhecido
Marambaia - Nova Iguaçu (RJ)
1971



Mãe Dininha de Oxóssi
Fotografia: autor desconhecido
Marambaia - Nova Iguaçu (RJ)
1971



Ekele Lourdes de Oxum. Primeira ekele
da Oxum de Mãe Meninazinha
Fotografia: autor desconhecido
Marambaia - Nova Iguaçu (RJ)
1971



Ekele Neide de Oxaguiã
Fotografia: autor desconhecido
Marambaia - Nova Iguaçu (RJ)
1971



Mãe Meninazinha de Oxum e sua primeira filha de santo, a então
Iyawô Luiza de Omolu, conhecida como Tia Fioti
Fotografia: autor desconhecido - Marambaia - Nova Iguaçu (RJ)
1968



Mãe Nilce de Iansã e sua filha Rosana Costa
Fotografia: autor desconhecido
Marambaia - Nova Iguaçu (RJ)
1972

ILÊ OMOLU OXUM SÃO MATEUS - SÃO JOÃO DE MERITI (RJ)



Pai Mado (Waldemar Manoel do Nascimento) em frente ao Ilê Omolu Oxum

Fotografia: autor desconhecido

São Mateus - São João de Meriti (RJ)

1975



Fachada do Ilê Omolu Oxum
Fotografia: autor desconhecido
São Mateus - São João de Meriti (RJ)
1975



Fachada do Ilê Omolu Oxum
Fotografia: autor desconhecido
São Mateus - São João de Meriti (RJ)
1975



Fachada do Ilê Omolu Oxum
Fotografia: autor desconhecido
São Mateus
São João de Meriti (RJ)
1975



Mãe Meninazinha de Oxum iniciando o Olubajé.
Foto: Alex Ferro (2025)

PLANO POLÍTICO PEDAGÓGICO E MUSEOLÓGICO

- **APRESENTAÇÃO**
- **DIAGNÓSTICO PARTICIPATIVO**
- **MISSÃO, VISÃO E VALORES**
- **PROGRAMA ARQUITETÔNICO**
- **INVENTÁRIO PARTICIPATIVO**
- **RESERVA TÉCNICA**
- **CONSERVAÇÃO E GESTÃO DO ACERVO**
- **EXPOSIÇÃO DE LONGA DURAÇÃO**
- **GALERIA DE ARTE MÃE MENINAZINHA DE OXUM**
- **BIBLIOTECA COMUNITÁRIA EKEDI NEIDE DE OXAGUIÃ**
- **ATELIÊ OBINRIN ODARA**
- **SUSTENTABILIDADE E RECURSOS**
- **COMUNICAÇÃO E DIFUSÃO**
- **AVALIAÇÃO E MONITORAMENTO**
- **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

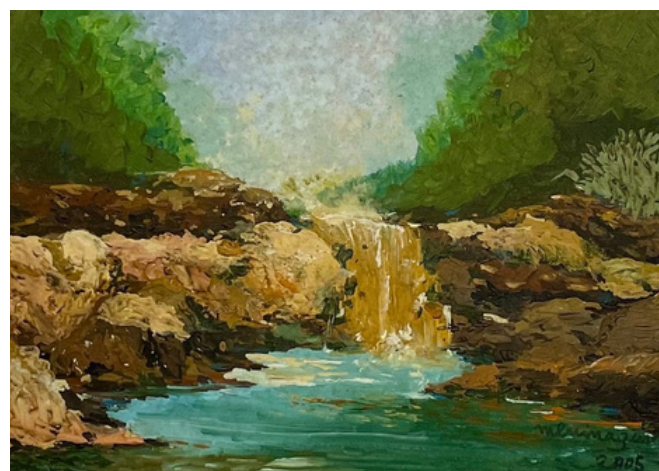
APRESENTAÇÃO

O Museu Memorial Iyá Davina fundamenta-se no conceito de terreiro como museu, reconhecendo a dimensão museal dos espaços sagrados de matriz africana, onde memória, saberes ancestrais e patrimônio cultural se manifestam de forma viva através de cerimônias religiosas, celebrações e práticas cotidianas. Nesta perspectiva, o terreiro transcende a noção de museu como repositório estático, configurando-se como território de preservação ativa, onde bens sagrados, indumentárias, cânticos e práticas tradicionais do candomblé constituem um acervo constantemente recriado pela comunidade.

O Museu integra uma reserva técnica que salvaguarda acervos históricos sem desvinculá-los de seus contextos sagrados, uma biblioteca especializada em cultura afro-brasileira, uma galeria de arte que valoriza produções artísticas relacionadas às ancestralidades africanas, e o ateliê de moda de terreiro, dedicado à confecção de indumentárias com técnicas ancestrais, promovendo geração de renda e transmissão de saberes. As atividades educativas fortalecem o diálogo intercultural e o combate ao racismo através de oficinas, rodas de conversa e visitas mediadas, sempre respeitando a sacralidade e o protagonismo das comunidades de terreiro em suas próprias narrativas e processos de musealização.



OXUM
Acrílica sobre tela
50 cm x 70 cm
São João de Meriti (RJ)
2005



SEM TÍTULO (CACHOEIRA)
Acrílica sobre tela
30 cm x 40 cm
São João de Meriti (RJ)
2004

DIAGNÓSTICO PARTICIPATIVO

O diagnóstico participativo constitui a base fundamental para a construção coletiva, incorporando as vozes e demandas da comunidade. Por meio de rodas de conversa e metodologias colaborativas, foram identificadas as principais necessidades e expectativas relacionadas à preservação da memória ancestral e ao combate ao racismo religioso.



BAOBÁ ÁRVORE SAGRADA
Acrílico sobre tela
100 cm x 78 cm
São João de Meriti (RJ)
2006

METODOLOGIA

O diagnóstico foi conduzido através de rodas de conversa com a comunidade do terreiro, incluindo:

- Sacerdotes e lideranças religiosas
- Filhos e filhas de santo
- Detentores de saberes tradicionais
- Comunidade do entorno
- Especialistas em Museologia Social

PRINCIPAIS DEMANDAS IDENTIFICADAS

- Preservação da memória de Iyá Davina
- Conservação do legado
- Valorização dos conhecimentos tradicionais
- Combate ao racismo religioso
- Fortalecimento da identidade cultural da comunidade
- Criação de espaços de encontro e aprendizagem
- Estímulo às pesquisas
- Comunicação, difusão e educação

MISSÃO, VISÃO E VALORES

O Museu Memorial Iyá Davina orienta suas ações por princípios que integram ancestralidade, participação comunitária e compromisso com a preservação da memória afro-brasileira. Missão, visão e valores expressam o propósito institucional de salvaguardar o legado de Iyá Davina de Omolu, combater o racismo religioso e promover o diálogo intercultural.

MISSÃO

Preservar, pesquisar e difundir a memória de Iyá Davina de Omolu e o seu legado, promovendo o diálogo intercultural e o combate ao racismo religioso através de práticas museológicas participativas.

VISÃO

Ser reconhecido como centro de referência na preservação e valorização da cultura de matriz africana, contribuindo para o fortalecimento da identidade negra e o respeito à diversidade religiosa.

VALORES

- Ancestralidade: honrar os ensinamentos dos antepassados
- Participação: incluir a comunidade em todas as decisões
- Decolonialidade: valorizar epistemologias africanas e afro-brasileiras
- Resistência: combater preconceitos e discriminações
- Solidariedade: fortalecer vínculos comunitários
- Sustentabilidade: garantir continuidade das ações



SEM TÍTULO (PAISAGEM I)
Acrílica sobre tela
55 cm x 45 cm
São João de Meriti (RJ)
2006



SEM TÍTULO (PAISAGEM II)
Acrílica sobre tela
35 cm x 45 cm
São João de Meriti (RJ)
2006

PROGRAMA ARQUITETÔNICO

A distribuição espacial contempla áreas expositivas, reserva técnica, biblioteca comunitária, galeria de artes e espaços de apoio. Cada ambiente foi concebido para atender às especificidades da preservação do patrimônio afro-brasileiro e às necessidades da comunidade.

ESPACIALIDADES SAGRADAS E MUSEAIS

Área Expositiva no barracão (120m²)

- Exposição de longa duração no barracão
- Espaço flexível para exposições temporárias
- Área de visitação e atividades educativas

Reserva Técnica (30m²)

- Acondicionamento adequado
- Controle climático específico
- Área de quarentena e tratamento

Biblioteca Comunitária Ekedí Neide de Oxaguiã (20m²)

- Acervo especializado em cultura afro-brasileira
- Espaços de leitura individual e coletiva
- Área de atividades educativas

Galeria de Arte Mãe Meninazinha de Oxum (30m²)

- Exposições de arte contemporânea afro-brasileira
- Oficinas artísticas e outras atividades educativas
- Espaço para performances

Áreas de Apoio (180m²)

- Recepção e acolhimento
- Loja do Ateliê Obinrin Odara
- Sanitários adaptados
- Sala de oficinas e almoxarifado
- Salão de refeições

INTEGRAÇÕES COM O TERREIRO

O projeto arquitetônico respeitará a sacralidade do terreiro, criando conexões harmoniosas entre os espaços, mantendo a privacidade necessária para as práticas religiosas.



SEM TÍTULO (ÁRVORE)

Acrílica sobre tela

35 cm x 42 cm

São João de Meriti (RJ)

2005

INVENTÁRIO PARTICIPATIVO

Etapa do plano que constitui metodologia fundamental para o reconhecimento, documentação e digitalização do acervo do museu, envolvendo ativamente os detentores das memórias da comunidade. A ficha de inventário específica contempla as informações técnicas, as narrativas, os depoimentos e as orientações fornecidas pelos mais velhos e as mais velhas do terreiro.

METODOLOGIA COLABORATIVA

Fase 1: Levantamento comunitário

- Identificação de detentores de objetos e memórias
- Criação de grupos de trabalho por tipo de acervo
- Definição de critérios de seleção com a comunidade

Fase 2: Coleta participativa

- Rodas de memória para contextualização
- Registro audiovisual dos processos
- Documentação fotográfica detalhada
- Fichas técnicas colaborativas

Fase 3: Sistematização

- Catalogação em sistema adaptado
- Validação com detentores originais
- Criação de narrativas associadas



SEM TÍTULO (PAISAGEM III)
Acrílica sobre tela
30 cm x 18 cm
São João de Meriti (RJ)
2008

FICHA DE INVENTÁRIO ESPECÍFICA

Identificação básica

- Denominação na comunidade
- Nome técnico/científico (se aplicável)
- Procedência e doador
- Data de incorporação

Descrição física

- Dimensões
- Materiais constituintes
- Técnica de confecção
- Estado de conservação

Contextualização cultural

- Função ritual/social
- Orixá ou entidade associada
- Período de uso
- Restrições de acesso/exposição

Depoimentos

- Narrativas associadas
- Significados simbólicos
- Memórias pessoais
- Orientações para preservação

RESERVA TÉCNICA

Espaço onde originalmente foi inaugurado o então Memorial Iyá Davina (1997), é destinado à guarda adequada do acervo não exposto, garantindo a sua preservação. Dividida em áreas de acondicionamento, quarentena e trabalho, organizados segundo classificação temática específica para o patrimônio do terreiro.

ESTRUTURA FÍSICA

Área de Acondicionamento (30m²)

- Estantes modulares
- Armários de aço
- Gavetas e bandejas específicas
- Área para objetos de grande porte

Área de Quarentena (5m²)

- Isolamento para novos ingressos
- Tratamento de pragas
- Análises preliminares

Área de Trabalho (15m²)

- Bancada para exames e pequenos reparos
- Equipamentos de documentação
- Materiais de conservação

Controle Ambiental (situação ideal)

- Temperatura: 20°C ± 2°C
- Umidade Relativa: 45% ± 5%
- Filtragem de ar: Remoção de poluentes
- Monitoramento: Data loggers e alertas automáticos

SISTEMA DE ORGANIZAÇÃO

Classificação Temática

- Bens sagrados
- Patrimônio material
- Patrimônio imaterial
- Patrimônio documental

Identificação

- Sistema digital integrado



ESTAÇÃO DE SÃO MATEUS
Acrílica sobre tela
45 cm x 60 cm
São João de Meriti (RJ)
2004

CONSERVAÇÃO E GESTÃO DO ACERVO

A gestão do acervo adota protocolos específicos que respeitam a natureza dos bens sagrados, a autoridade e os saberes das lideranças religiosas sobre o seu manejo. As práticas de conservação e salvaguarda incorporam tanto conhecimentos técnicos da museologia quanto saberes tradicionais da comunidade do terreiro.

TIPOLOGIAS DE ACERVO

Bens sagrados

- Ferramentas e paramentas dos orixás
- Indumentárias sagradas
- Instrumentos musicais
- Elementos litúrgicos

Patrimônio material

- Bens do cotidiano
- Elementos decorativos
- Utensílios domésticos com significado religioso
- Elementos arquitetônicos
- Obras de arte

Patrimônio imaterial

- Orikis (Poemas, versos e orações)
- Orin (Cânticos ou cantigas)
- Danças sagradas
- Culinária de axé

Patrimônio documental

- Fotografias históricas
- Registros escritos (Certidões, títulos, diplomas, cartas e livros)
- Registros sonoros (gravações em geral)
- Depoimentos audiovisuais

PROTOCOLOS ESPECÍFICOS

Manejo de objetos sagrados

- Uso de materiais e técnicas aprovados pela comunidade
- Participação obrigatória de autoridades religiosas
- Horários específicos para manipulação

Conservação preventiva

- Uso de materiais e técnicas aprovados pela comunidade
- Manipulação mínima e com equipamentos apropriados
- Controle de pragas específico para materiais orgânicos
- Iluminação adequada

SEM TÍTULO (NINFEIAS)
Acrílica sobre tela
45 cm x 35 cm
São João de Meriti (RJ)
2007



EXPOSIÇÃO DE LONGA DURAÇÃO

Inserida dentro do barracão do terreiro, a exposição narra a trajetória de Iyá Marcolina de Oxum, Pai Procópio de Ogunjá, Iyá Davina de Omolu e Mãe Meninazinha de Oxum, privilegiando o acervo sagrado preservado ao longo de décadas.



Mãe Meninazinha de Oxum (ao centro), Ekedí Margarida Menezes (acima) e Ogã Wilton de Oxalá (abaixo)
Ilê Omolu Oxum - São João de Meriti (RJ)
17 de junho de 2025

NÚCLEOS TEMÁTICOS

Núcleo 1: Iyá Marcolina de Oxum

- Biografia de Iyá Marcolina de Oxum
- Contexto histórico e social
- Recursos: documentos, objetos simbólicos, depoimentos audiovisuais

Núcleo 2: Pai Procópio de Ogunjá

- Biografia de Pai Procópio de Ogum
- O primeiro babalorixá do Brasil
- Recursos: bens sagrados, documentos, fotografias e depoimentos audiovisuais

Núcleo 3: Iyá Davina de Omolu

- Biografia de Iyá Davina de Omolu
- Da Bahia para o Rio de Janeiro: Pequena África e Baixada Fluminense
- Recursos: bens sagrados, documentos, fotografias e depoimentos audiovisuais

Núcleo 4: Mãe Meninazinha de Oxum

- Biografia de Mãe Meninazinha de Oxum
- Uma herança como missão de vida
- Recursos: bens sagrados, documentos, fotografias e depoimentos audiovisuais

Núcleo 5: Da Marambaia a São Mateus

- História do terreiro Ilê Omolu Oxum
- Legado e continuidade
- Recursos: bens sagrados, documentos, fotografias e depoimentos audiovisuais



Inauguração da Galeria de Arte Mãe Meninazinha de Oxum
Ilê Omolu Oxum - São João de Meriti (RJ)
31 de agosto de 2025

GALERIA DE ARTE

MÃE MENINAZINHA DE OXUM

A galeria promove o diálogo entre ancestralidade e expressões artísticas contemporâneas, dedicando-se à produção visual afro-brasileira. Com programação curatorial estruturada em eixos temáticos, o espaço inicia suas atividades em 2025 com exposição das obras de Mãe Meninazinha de Oxum.

PROGRAMAÇÃO CURATORIAL

Eixos Temáticos

Ano 1: Odara – Entre cores e memórias

- Exposição com obras de Mãe Meninazinha de Oxum
- Recorte sobre a produção de 2006 a 2012
- Técnica: pintura (acrílica sobre tela)

Ano 2: O caminho do axé

- Arte que aborda os saberes ancestrais deste matriarcado
- Interpretação sobre a saga do axé familiar
- Técnica: pintura sobre painel

Ano 3: A matriz africana e suas tradições

- Exposição aborda a diversidade das religiões de matriz africana
- O respeito pelas diferenças dos povos de terreiros
- Técnica: pintura sobre painel

Critérios para seleção de artistas convidados

- Relevância temática com a missão do museu
- Diversidade de linguagens / técnicas
- Representatividade
- Potencial educativo e de diálogo comunitário

ATIVIDADES COMPLEMENTARES

Formação Artística

- Oficinas de artes visuais
- Cursos com artistas convidados
- Giras de conversas
- Residências artísticas temporárias

Mediação Cultural

- Visitas mediadas
- Material didático para escolas
- Atividades para diferentes perfis



Inauguração da Biblioteca Comunitária Ekeleide Neide de Oxaguiã - Ilê Omolu Oxum - São João de Meriti (RJ)
27 de setembro de 2025

BIBLIOTECA COMUNITÁRIA

EKEDI NEIDE DE OXAGUIÃ

A biblioteca comunitária do terreiro integra desde 2025, sabedoria ancestral oral e produção bibliográfica contemporânea sobre cultura afro-brasileira, constituindo-se como centro de pesquisa e formação. O acervo contempla seções especializadas, além de espaço dedicado ao público infantojuvenil.

ACERVO

Seção Africana e Afro-brasileira

- História da África e diáspora
- Religiões de matriz africana
- Literatura afro-brasileira
- Biografias de personalidades negras

Seção de Oralidade

- Gravações de cânticos e rezas
- Depoimentos das mais velhas e mais velhos
- Histórias e lendas
- Estação de escuta com fones

Seção Infantojuvenil

- Literatura afro-brasileira para crianças
- Jogos educativos
- Material didático sobre diversidade
- Espaço lúdico para contação de histórias

Seção de Referência

- Dicionários e enciclopédias
- Museologia
- Teses e dissertações
- Periódicos acadêmicos
- Material não circulante

SERVIÇOS E ATIVIDADES

Programação Regular

- Rodas de leitura comunitária
- Contação de histórias para crianças
- Palestras com pesquisadores
- Oficinas de escrita criativa

Serviços Especializados

- Orientação bibliográfica
- Pesquisa genealógica
- Digitalização de documentos
- Apoio a trabalhos acadêmicos

GESTÃO PARTICIPATIVA

- Conselho consultivo
- Voluntários treinados para acolhimento
- Programação definida colaborativamente

ATELIÊ OBINRIN ODARA

O projeto foi criado em 2011 com o propósito de fomentar a geração de trabalho, renda e valorização dos saberes tradicionais das mulheres da comunidade. O nome Obinrin Odara significa "mulher bonita" em iorubá e reflete a essência do projeto: o empoderamento feminino através da transmissão de conhecimentos ancestrais relacionados à costura e confecção de indumentárias sagradas.

Pedagogia ancestral:

Do ponto de vista pedagógico, o Ateliê promove a educação não-formal através da transmissão de saberes, fortalecendo vínculos comunitários, autoestima e identidade cultural das mulheres. O projeto articula-se com os demais eixos do Museu Memorial Iyá Davina ao preservar e divulgar as tradições do terreiro, contribuindo para a valorização da estética afro-brasileira e para o combate ao racismo religioso. As indumentárias produzidas no ateliê também compõem o acervo do museu, documentando a evolução das vestimentas litúrgicas e as técnicas de confecção ao longo do tempo.

Objetivos do Ateliê Obinrin Odara:

- Gerar oportunidades de trabalho e renda para mulheres da comunidade
- Preservar e transmitir técnicas ancestrais de costura e confecção de indumentárias
- Valorizar a estética e a cultura afro-brasileira
- Fortalecer a autoestima e o protagonismo feminino
- Promover a sustentabilidade econômica da comunidade
- Contribuir para a preservação da memória e dos saberes tradicionais



SUSTENTABILIDADE E RECURSOS

A sustentabilidade do Museu Memorial Iyá Davina fundamenta-se em modelo de governança colaborativa e diversificação de fontes de recursos, combinando apoio público, parcerias privadas e práticas de economia solidária. O planejamento financeiro contempla editais culturais, Lei de Incentivo à Cultura, patrocínios locais e atividades geradoras de renda, assegurando autonomia e continuidade das ações.

MODELO DE GESTÃO

Governança colaborativa

- Conselho gestor
- Assembleia geral anual
- Comitês temáticos especializados
- Transparência financeira e de ações



SEM TÍTULO
(GALINHA DANGOLA)
Acrílica sobre tela
27 cm x 32 cm
São João de Meriti (RJ)
2011



SEM TÍTULO
(GALO E GALINHA)
Acrílica sobre tela
50 cm x 60 cm
São João de Meriti (RJ)
2004

FONTES DE RECURSOS

Recursos públicos

- Editais de cultura
- Leis de Incentivo à Cultura
- Emendas parlamentares

Parcerias privadas

- Patrocínio local
- Crowdfunding
- Venda de produtos da loja do ateliê
- Cursos e oficinas

Economia solidária

- Trabalho voluntário organizado
- Mutirões para manutenção
- Rede de apoio mútuo

Sustentabilidade Ambiental, Cultural, Social e Econômica

- Captação de água da chuva
- Energia solar fotovoltaica
- Materiais de construção sustentáveis
- Compostagem de resíduos orgânicos
- Jardim ancestral comunitário



Um passeio pela história dos terreiros em Meriti

Com peças sagradas do século 19, Museu Memorial Iyá Davina reabre as portas

Flávia Trindade
Foi inaugurado neste fim de semana, em São João de Meriti, o Museu Memorial Iyá Davina. Criado em 1997, a instituição foi a primeira dedicada à preservação da memória dos povos de matriz africana no estado do Rio de Janeiro. Seu acervo é composto por mais de 120 itens inventariados, entre objetos sagrados de uso cotidiano, coleção inclui fotografias e documentos guardados por Mãe Meninazinha de Oxum, neta de Iyá Davina.

Durante a reabertura do memorial, foi lançado o documentário "Baixada de Oxum", que remonta aos primeiros dias da fundação do terreiro da matriarca, na Maracanã, em Nova Iguaçu, até a sua transferência para São Mateus, em São João de Meriti. No filme, ela revive suas lembranças com o grupo de remanescentes daquela época. Para Mãe Meninazinha, reconhecida como uma das principais referências do candomblé no país, esse legado faz parte da história e precisa ser contado com respeito.

— Ao longo dos anos, procurei seguir os passos de minha avó, mãe e também minha mãe de santo, para preservar o nosso patrimônio. Eu queria um espaço para contar a nossa história, um museu de memória e de preservação dos nossos. Um objeto era especial me despertava para esta ideia: o basquinho de Oxum, madeira da minha avó. A partir daquele objeto, comecei a reunir os outros e perceber que tinham uma coleção importante. Na época, parecia maluco porque um museu num terreiro, mas conseguimos e hoje tenho de criar, ainda nos anos 90, um espaço dedicado a abrigar uma parte da memória do candomblé a partir da trajetória da nossa família — conta.

A curadoria nesta nova fase do museu é animada por Mãe

Antonio Teóbaldo, que atenta para a relevância dos objetos já que, além de revelar suas trajetórias, permitem manter viva a história daqueles que os utilizaram. O curador, que também atua como curador do Instituto de Pesquisa Ponto Novo, ressalta que o museu contempla história de como as religiões africanas migraram para a Baixada Fluminense, ficando raízes na região.

— A partir deste acervo inicial guardado ao longo dos



Abelha de Oxum faz parte do acervo, que inclui objetos sagrados e de uso cotidiano

reiro e contribuem para que essa história não seja contada de forma distorcida por outras pessoas — diz ele.

Desde sua criação, o Museu Memorial Iyá Davina recebe a atenção das comunidades tradicionais afro-brasileiras das mais variadas partes do país, sendo também um importante e reconhecido polo de estudos frequentado por estudantes e pesquisadores, que tem ali um campo vasto para os estudos das religiões de matriz africana e sua origem. Registrado no Instituto Brasileiro de Museus (Ibram), a instituição é uma das poucas dedicadas ao tema na região metropolitana.

MAIS BAIXADA

Legado ancestral será celebrado na Sapucaí

Unidos da Ponte terá Mãe Meninazinha de Oxum como enredo no desfile de 2023

Julio Cesar Lyra
julio.lyra@globo.com.br

A Ialorixá Meninazinha de Oxum, de 84 anos, será homenageada pela escola de samba Unidos da Ponte, que desfila na Série Ouro, no carnaval de 2023. A Azul e Branco de São João de Meriti levará para a Marquês de Sapucaí o enredo "Liberte nosso sagrado: o legado ancestral de Mãe Meninazinha de Oxum". A sacerdotisa líder do terreiro Ilê Omolu Oxum, no bairro São Mateus.

O tema escolhido pela escola celebra a vida e a luta da mãe de santo do candomblé de nação Ketu e a ligação dela com o município de São João. Desenvolvido por Rodrigo Marques e Guilherme Diniz — com participação do pesquisador Tiago Freitas —, o enredo traz a história de Mãe Meninazinha, que será contada tendo como uma das principais narrativas a luta da sacerdotisa para libertar uma coleção de objetos sagrados que estava em poder do Museu da Polícia Civil.

Mãe Meninazinha completou, no último dia 10, 62 anos de iniciação no candomblé, e os objetos que lu-

tu para recuperar encontram-se, atualmente, no Museu da República, no Rio.

— Eram nossas coisas que estavam nas mãos da polícia. Eu falo isso sempre porque foi o que ouvi da minha avó. Cresci com essas coisas, elas falavam com muito sentimento. Até que um dia resolvi, não sei como, ver que coisas são essas e o que

é que doía tanto no meu povo. E chegou, graças a Deus, a nossos orixás, a minha avó e a nossos ancestrais — conta Meninazinha de Oxum.

Segundo Rodrigo Marques, a ideia de desenvolver um enredo com essa temática teve início há cerca de dois anos, quando ele se viu inquieto com questões sobre monumentos históricos e depredação de espaços religiosos afro-brasileiros.

— Nessa época, conheci o acervo que até então era denominado "magia negra", conheci a história por trás

dos 526 objetos apreendidos pela polícia desde o século 19. Então, tentei criar algumas conexões para propor esse enredo — conta o carnavalesco, que viu em Meninazinha de Oxum uma forte relação com a Unidos da Ponte.

Juntando essa proposta de falar sobre racismo religioso e sobre essa questão histórica atrelada aos objetos, eu vi na figura dela a personificação dessa luta.

Em 2023, a Ponte será a segunda escola a desfilarm na Sapucaí no Sábado de Carnaval, em 18 de fevereiro. e



Meninazinha de Oxum lutou para recuperar objetos sagrados que haviam sido apreendidos



BOM DIA RJ

MÃE MENINAZINHA DE OXUM

8 fev - quarta-feira

ILÊ OMOLU OXUM



Jornal Extra - Mais / Baixada - 31 de maio de 2021
Jornal Extra - Mais / Baixada - 15 de julho de 2022
TV Globo - Bom Dia RJ - 8 de fevereiro de 2023
Jornal Extra - 26 de maio de 2024

EXTRA

Rio

Por que a Baixada Fluminense é a região que mais reúne casas de religiões afro no Rio? Especialistas explicam

Área abriga casas de axé de valor histórico e cultural como o Ilê Axé Opô Afonjá e o Ilê Omolu Oxum, em São João de Meriti

Por Thayná Rodrigues — Rio de Janeiro
26/05/2024 06h01 - Atualizado há 9 horas



Mãe Nilce de Iansã, coordenadora nacional do Renafro — Foto: Reprodução/Instagram

COMUNICAÇÃO E DIVULGAÇÃO

Criação de estratégias integradas para ampliar o alcance e o impacto social do Museu junto aos diferentes públicos, priorizando a comunidade do terreiro, mas também garantindo que seja conhecido e apropriado por diversos segmentos da sociedade. A difusão do acervo e das atividades contribui para o combate ao racismo religioso e para a valorização da cultura de matriz africana.

PÚBLICO

Público Prioritário

- Comunidades do terreiro
- Moradores do entorno
- Estudantes, professores e pesquisadores

Público Potencial

- Turistas interessados na cultura afro-brasileira
- Artistas e produtores culturais
- Agentes dos movimentos sociais
- Profissionais da educação, história, sociologia, antropologia e museologia



Santa Bárbara e as ameaças aos terreiros de Candomblé

Acredite: 74% dos terreiros brasileiros já sofreram ameaças ou foram destruídos por atos de racismo religioso. Os crimes contra religiões de matriz africana ocorrem em ambientes variados — das invasões aos terreiros às manifestações nas ruas, nas redes sociais, no trabalho, na escola, em repartições públicas e até mesmo no seio familiar. Esse dado faz parte de uma pesquisa com 511 terreiros de todas as regiões

do país e será apresentado pela mãe Nilce de Iansã, coordenadora da Rede Nacional de Religiões Afro-brasileiras — num painel da Organização das Nações Unidas (ONU), em Genebra, quinta-feira, 4 de dezembro. A data coincide com o dia de Santa Bárbara (foto) — Iansã no Candomblé — senhora dos ventos e das tempestades.



Jornal O Globo - Ancelmo Gois
4 de dezembro de 2025

ESTRATÉGIAS DE COMUNICAÇÃO

Comunicação Comunitária

- Boletim informativo
- Redes sociais
- Murais e cartazes no território

Parcerias Educacionais

- Convênios com instituições de ensino
- Formação de professores
- Material didático específico
- Visitas temáticas regulares

Presença Digital

- Site institucional
- Podcast sobre cultura afro-brasileira
- Canal no YouTube

ACESSIBILIDADE E INCLUSÃO

- Materiais em Braille e audiodescrição
- Intérpretes de Libras para eventos
- Rampas e facilidades para mobilidade reduzida
- Horários flexíveis para a comunidade

[illegible]

29 DE SETEMBRO DE 2025 • extra.globo.com

MAIS BAIXADA

Protagonistas do dia a dia do terreiro Ilê Omolu Oxum, em São João de Meriti, são retratados em mostra

RITUAIS CONTEMPLADOS

Cátia Cruz
correspondente

O ato de macerar ervas, o preparo do alimento, o manuseio cuidadoso dos objetos sagrados. Cenas do dia a dia das atividades do terreiro e do protagonismo dos mais velhos estão retratadas na exposição "Respeite o meu terreiro", do Museu Memorial Iyá Davina, do terreiro Ilê Omolu Oxum, em São João de Meriti. Lançada em novembro — mês da Consciência Negra —, a mostra reúne 60 fotografias de Alex Ferro e tem curadoria de Marco Antonio Teóbaldo. Ela pode ser vista na seção educativa Consciência Negra, da plataforma Google Arts.

A exposição é dividida em duas partes. A primeira mostra as sacerdotisas e os sacerdotes mais velhos do terreiro, instalado há mais de 50 anos em Meriti. A segunda destaca as vivências da comunidade de candomblé, numa abordagem dos verdadeiros baúdos de algumas atividades que normalmente não são conhecidas pelo público em geral.

CONTRA O RACISMO RELIGIOSO

O fotógrafo e o curador realizaram uma série de incursões no terreiro, durante a pandemia da Covid, registrando momentos preciosos em que a comunidade se aglutina e presta esforços para acolher e socorrer as famílias de seu entorno com ajuda humanitária. A parceria da dupla dura mais de dez anos, retratando manifestações religiosas em terreiros de candomblé e fazendo exposições no Brasil e no exterior.

Com três décadas de profissão e apaixonado por religiões, o fotógrafo Alex Ferro relata a emoção de registrar o cotidiano de um terreiro: — O mundo das religiões de matriz africana é muito ligado ao amor ao próximo, ao entendimento, à contemplação do meio ambiente. São pessoas sensíveis que contemplam a água, as matas, e sabem a importância disso para a humanidade. Só querem respeito. O seu trabalho ajuda essas coisas nefastas e sem sentido chamadas preconceitos. Esse encontro me deixou muito feliz.

O objetivo agora é transformar a exposição virtual



em física, no Museu da República. O curador explica que a mostra homenageia todas as religiões de matriz africana.

— A exposição se apresenta como forte instrumento de combate ao racismo religioso. Ela desmistifica e desconstrói

mentiras direcionadas às comunidades tradicionais de terreiro. Há tentativas sucessivas de desvalorizar o importante trabalho sociocultural dos terreiros e demonizar as religiões que se aparam como símbolos da resistência ao racismo estrutural da sociedade brasileira — afirma Teóbaldo.

A coordenadora de projetos do Ilê Omolu Oxum, Mãe Nilce de Iansã, ressalta a importância dessas ações afirmativas como esta. O título da exposição é também o nome

do projeto de combate ao racismo religioso que a instituição vem realizando em parceria com a Rede Nacional de Religiões Afrobrasileiras e São-Beneditas, com apoio da organização internacional Race & Equality.



28/09/2025 - Ilê Omolu Oxum se transforma em terreiro cultural, com biblioteca, galeria de arte, museu e ateliê de moda

RIO DE JANEIRO, Rio de Janeiro - Com a inauguração da Biblioteca Comunitária Ekedí Neide de Oxaguiã, que abriu ao público no dia 27 de setembro de 2025, o Ilê Omolu Oxum amplia sua atuação e se expande como patrimônio de memória e resistência afro-brasileira



Fonte: <https://iconolucuxum.org/museu-memorial-iy-davina/> (reprodução)

O Ilê Omolu Oxum, em São João do Meriti, inaugurou a Biblioteca Comunitária Ekedí Neide de Oxaguiã, com um acervo diversificado, que une tradição oral e documentação histórica, a partir de publicações e documentos do próprio terreiro e da valiosa coleção pessoal de Mãe Menininha de Oxum. 88 anos, um tesouro documental que abrange desde textos sagrados até registros históricos da comunidade.



Museu Memorial Iyá Davina, 2025 (Fotos: Alex Ferro)

Jornal Extra - Mais / Baixada - 2 de dezembro de 2022

Revista Museu - 29 de setembro de 2025

Jornal O Globo - Ancelmo Gois - 15 de abril de 2024

TV Brasil - Repórter Brasil - 1 de outubro de 2025

OGLOBO



Ancelmo.com

'Axe na internet': campanha vai fortalecer religiões de matriz africana no Brasil

Mãe Nilce de Iansã vai anunciar a ação na 3ª Sessão do Fórum Permanente para Afrodescendentes da ONU

Por Ana Claudia Guimarães
15/04/2024 14h41 - Atualizado há 4 horas



'Axe na internet': Mãe Nilce de Iansã, do Ilê Omolu Oxum, e coordenadora nacional do Renafro faz campanha para fortalecer religiões de matriz africana no Brasil — Foto: Divulgação



MUSEUS DE TERREIRO

PATRIMÔNIO DE COMUNIDADES TRADICIONAIS



“Entravam nos terreiros, quebravam o Nosso Sagrado. A polícia quebrava. Muitas peças estavam lá como prova de crime, como se a gente professor uma religião fosse crime. Nós éramos criminosos por sermos de candomblé, de umbanda e de outros segmentos da África.”

Mãe Meninazinha d'Oxum em relato à Agência Brasil como a ditadura invadiu terreiros e destruiu peças sagradas do candomblé

BdF



TERREIRO NO RJ ABRIGA BIBLIOTECA, GALERIA DE ARTE, MUSEU E ATELIÊ DE MODA



ILÊ OMOLU OXUM SE TORNA TERREIRO CULTURAL COM BIBLIOTECA, GALERIA DE ARTE, MUSEU E ATELIÊ DE MODA

Brasil de Fato - 4 de abril de 2024

Batuque do Rio Grande do Sul - 30 de setembro de 2025

Axé News - 30 de setembro de 2025

Jornal O Globo - Ancelmo Gois - 27 de março de 2025

Revista Veja - VejaRio - 3 de outubro de 2025



Exclusivo para assinantes

Mãe Meninazinha de Oxum dará aula magna em projeto de pesquisa na Unirio

Aos 87 anos, ialorixá do Ilê Omolu Oxum é a presidente de honra de acervo histórico

Por Ancelmo Gois

27/03/2025 06h30 · Atualizado há 2 horas

TESOURO ANCESTRAL

Mais de 500 peças apreendidas em centros de umbanda e candomblé aguardam data de exposição em meio a mudança de gestão do Museu da República

Paula Autran

No dia 8 de outubro de 1934, policiais deram uma batida nos fundos de um modesto imóvel na Rua Araújo Leite, no Engenho Novo, onde funcionava o Centro Espírita Nossa Senhora da Conceição e São Jorge. Era uma ação de rotina pois, à época, a ordem era perseguir lideranças religiosas sob acusações de curanderismo, espiritismo e exercício ilegal da medicina. Naquela ocasião, além de prender Mãe Luiza Cardoso, de 29 anos, os agentes confiscaram objetos sagrados, como uma imagem de Exu Ijê, também conhecido como Caboclo Laba. Esta é uma das 519 peças apreendidas em terreiros de umbanda e candomblé fluminenses entre 1900 e 1946. O conjunto ficou esquecido por décadas no Museu da Polícia Civil, no Centro, em caixas identificadas como Coleção de Magia Negra. Em 2017, religiosos e comunidades tradicionais de matriz africana lançaram a campanha *Liberar Nosso Sagrado* e, três anos depois, o acervo chegou ao Museu da República, mas até hoje não foi exposto em sua totalidade. “É um direito de todos conhecê-lo”, afirma a ialorixá Mãe Meninazinha de Oxum, de 88 anos, que desde o final da década de 1960 denuncia as violações de direitos que resultaram nas apreensões.

Essa luta quase centenária se tornou símbolo de uma nascente museologia de terreiro, abrindo as portas para um aspecto da cultura brasileira ainda ignorado por boa parte da população. Já faz sete anos desde que a ialorixá procurou o museólogo Mário Chagas, então diretor do Museu da República e referência na chamada museologia social, em busca de apoio. Defensor da ideia de que os centros culturais devem ser ferramentas participativas e de uso comunitário, ele topou receber as peças, impondo a condição de que a guarda do patrimônio — com 126 itens tombados pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (Iphan) desde 1938 — fosse compartilhada com o grupo de religiosos. “Explicar que deveria ser assim não só por sermos democratas, mas por sermos ignorantes no assunto”, conta Chagas, cliente de quem se tratava de uma reparação cultural e histórica.

Com o aval das entidades, o primeiro passo foi reabilitar a coleção de Nosso Sagrado, como pregava a vontade de Mãe Meninazinha. A mudança de nome foi oficializada pelo Iphan em março de 2023. “Não dá pra gente se não acrescentar a ‘afro-brasileira’, mas ela responde: ‘Não é só do Povo do Axé, é do Brasil’”, lembra Chagas, observando



Passado revisto

Instituições culturais dedicadas à história negra

» **Museu Memorial Iya Dandara.** Localizado no terreno do Omolu Oxum, de Mãe Meninazinha, em São João de Meriti, é o primeiro do gênero no estado.

» **Galeria Pretas Novas de Arte Contemporânea.** Organizada por Gaby Rocha, em 2021, a exposição, na Pequena África na Gamboa, recebeu, em 11 de outubro e 7 de novembro, o projeto *Melaggon* — influências Macumbas na Música Popular.

que se tratam de bens que interessam inclusive aos afros. Uma vez na instituição do Cateie, as peças passaram por um processo de higienização e viraram objeto de pesquisa e conservação, sob orientação de líderes religiosos, de um grupo de museólogos da Unirio, onde Chagas dirige a Escola de Museologia. Além disso, um dossiê está sendo finalizado para permitir o tombamento do resto dos exemplares. Só faltava a exposição da totalidade do acervo, marcada para setembro do ano passado. Dois meses antes, porém, Mãe Chagas foi esconderado e a mostra nunca aconteceu. “A parede já está ali pintada e o projeto expositivo, pronto”, alega o curador Marco Antônio Teobaldo, filho de Santo de Mãe Meninazinha e responsável por cuidar o termo museologia de terreiro, numa dissertação de mestrado que mapeou 26 centros culturais em espaços como em Alagoas, Pernambuco e Bahia. Segundo o Museu da República, não há perspectiva de abertura da exposição. A reparação histórica só se

conclui com a exposição”, defende o ex-diretor do Museu da República. Na tentativa de entender o porquê da demora e saber quando a exposição acontecerá, a Defensoria Pública da União e o Instituto Brasileiro de Museus (Ibmus) avaliaram a defesa pública federal Natália von Rondon. “O Estado ainda detém muitas dessas peças, que contém Orixás. Reparar é mais do que devolver”, reforça ela, citando coleções em situação semelhante em Alagoas, Pernambuco e Bahia. Segundo o Museu da República, não há perspectiva de abertura da exposição. “Com a mudança de gestão

em agosto de 2024, verificou-se que não havia orçamento disponível para todos os serviços necessários de montagem e produção, nem tempo hábil para viabilizá-la”, explica em nota a diretora substituta Ana Cecília Lima Sant’Ana. Fechado desde fevereiro para uma análise estrutural e consequente reforma, o prédio que foi sede da presidência teve apenas o primeiro piso reaberto ao público, em julho. A previsão é de que o Nosso Sagrado seja exposto no segundo andar. “A gestão atual tem o compromisso de realizar a exposição tão logo o Palácio do Cateie reúna as condições necessárias para recebê-la”, afirma Ana Cecília. Que os Orixás aguardem. ■



"Só gosto de pintar", Mãe Meninazinha de Oxum não se considera uma artista, e se empenha pela liberdade religiosa e das tradições iorubás, o que a faz rejeitar ir à África: "Lá não tem candomblé"

ALAN SOUZA
alan.souza@oglobo.com.br

Logo que entendeu sua missão, ensinada pelos antepassados, Maria do Nascimento — ou Mãe Meninazinha de Oxum, de 88 anos, referência no ativismo pela liberdade religiosa no país — passou também a lutar pela conservação dos itens, sagrados ou não, do Ilê Omolu Oxum, em São João de Meriti, na Baixada Fluminense. O objetivo era preservar a riqueza material da religião de matriz africana.

Assim surgiu, em 1997, o museu sediado no terreiro. Logo ao entrar no local, vêem-se parte dos objetos, protegidos por uma vitrine recentemente instalada, ao lado do espaço para rituais. Guiada pela mesma ideia de preservar a memória, a mãe de santo expõe pela primeira vez ao público no ilê pin-

PINTURA DA PRESERVAÇÃO

MÃE MENINAZINHA DE OXUM EXPÕE QUADROS EM MUSEU NO ILÊ DE SÃO JOÃO DE MERITI, NA BAIXADA FLUMINENSE, QUE DESDE 1997 CONSERVA OBJETOS DO CANDOMBLÉ

turas que vão desde as lembranças de menina à contemplação de orixás que conduzem a sua fé.

São 15 obras que compõem a exposição "Odara: entre cores e memórias", com previsão de ficar aberta até março. Entre as figuras, há um baobá, árvore de origem africana de grande curvatura, cujas raízes se espalham pelo solo, servindo de base de apoio para guer-

reiros. Essa cena, porém, não se trata de uma cena vivida pela religiosa.

— É uma árvore que veio de dentro de mim. Fui fazendo e, quando vi, já era aquela tela. É por isso que amo esse quadro. Nele, tem uma imensidão. Quando ficou pronto, disse: "Meu Deus, foi eu mesma que fiz" — exclama ela. — Mas não me considero artista. Nun-

ca tive desejo ou tempo para me dedicar a ser uma. Só gosto de pintar. A intenção não era chegar onde cheguei, com uma exposição.

ANCESTRALIDADE

De certa forma, olhar a história dos antecedentes do Ilê Omolu Oxum é revisitar um trecho importante do candomblé no Brasil. Começa quando Iyá Marcolina de

sabemos, na África não tem mais candomblé. Candomblé foi o que trouxeram para cá. Se eles mesmos trouxeram, o que vou fazer lá? Conhecer a terra? Eu, não.

PRESERVAÇÃO ESPIRITUAL

Por meio dos objetos históricos, o Museu do Ilê repassa a trajetória desses personagens reais até aqui:

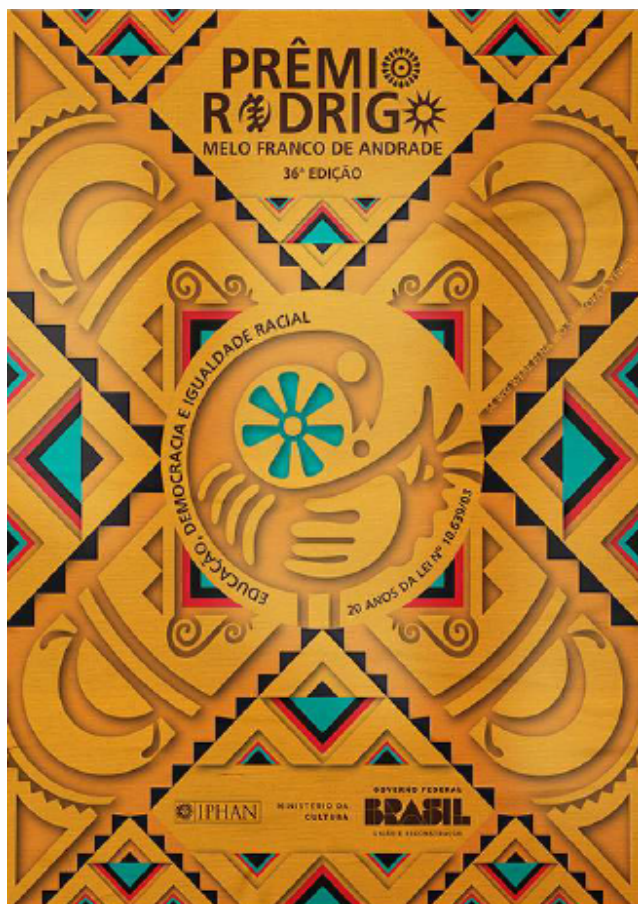
— Não é o acadêmico que vem aqui para depois contar o que soube. Somos nós mesmos que contamos tudo, falando desse espaço — afirma Mãe Nilce, auxiliar de Meninazinha à frente de projetos sociais no terreiro, como um ateliê de moda e uma biblioteca comunitária, com livros doados pela Pinakothèque, o Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (Iphan) e o Museu Nacional de Belas Artes.

A preservação de objetos do passado tem sentido não só histórico, mas espiritual, lembra Mãe Meninazinha:

— Devemos cuidar dos nossos ancestrais. Para ter o culto aos orixás, temos que ter cuidado também com quem veio antes. E eles estão aqui também, com certeza, estão aqui — explica ela ao falar da memória dos entes.

Tanto a exposição permanente com objetos do ilê quanto a com as telas de Meninazinha contam com curadoria de Marco Antonio Teobaldo. Ele foi convidado pela ialorixá para coordenar os projetos artísticos do terreiro após deixar o Instituto de Pesquisa e Memória Pretos Novos, na Gamboa, zona central do Rio. Teobaldo destaca que existe diferença entre os museus convencionais e os de terreiro, dos quais o Omolu Oxum é pioneiro:

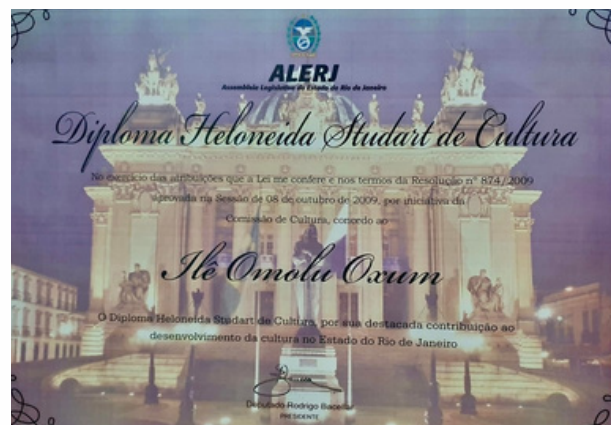
— Por estarmos num território sagrado, nem todo patrimônio é exibido. Até mesmo para nós, peças como os assentamentos (*canais de conexão com orixás*) não são corriqueiras, não se exploram publicamente. Claro que podem ser musealizados, mas foram do espaço consagrado.



Prêmio Rodrigo de Melo Franco - IPHAN - 2023
 Prêmio Pontos de Memória - IBRAM - 2023
 Prêmio Inventários Participativo - IBRAM - 2023
 Prêmio Cultura Viva / Sérgio Mamberti - MINC - 2023



Medalha de Honra ao Mérito à Mãe Meninazinha de Oxum
 Medalha de Honra ao Mérito ao Museu Memorial Iyá Davina
 - Escola de Museologia UNIRIO - 2025
 Prêmio Heloída Studart - ALERJ - 2023



AVALIAÇÃO E MONITORAMENTO

Processos contínuos que permitem aferir o cumprimento da missão institucional e o impacto social do museu junto à comunidade, por meio de indicadores quantitativos e qualitativos, aliados a metodologias participativas. Este acompanhamento sistemático garante a transparência da gestão e orienta o aprimoramento contínuo das ações do Museu Memorial Iyá Davina.

Indicadores de Desempenho

Indicadores Quantitativos

- Número de visitantes mensais
- Itens catalogados no acervo
- Atividades educativas realizadas
- Consultas na biblioteca
- Participação em eventos externos

Indicadores Qualitativos

- Satisfação da comunidade (pesquisas periódicas)
- Impacto educativo (depoimentos de professores)
- Fortalecimento da identidade cultural
- Redução do racismo religioso na região
- Qualidade das parcerias firmadas



TULIPAS
Acrílica sobre tela
60 cm x 80 cm
São João de Meriti (RJ)
2008

Metodologia de Avaliação

Avaliação Participativa

- Rodas de conversas comunitárias
- Grupos focais c/ diferentes públicos
- Coleta de depoimentos espontâneos
- Observação sistemática das atividades

Avaliação Externa

- Avaliação por órgãos oficiais
- Pesquisas acadêmicas sobre impacto

Instrumentos de Coleta

- Livros de visitantes físico e digital
- Formulários de avaliação das atividades
- Entrevistas com lideranças comunitárias
- Registros fotográficos e audiovisuais
- Relatórios técnicos periódicos



Placa horizontal - Entrada do terreiro - 26 de julho de 1997

Placa vertical - Entrada do Memorial - 26 de julho de 1997

Placa vertical - Entrada do barracão - 29 de maio de 2021

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O **Plano Político Pedagógico e Museológico do Museu Memorial Iyá Davina** representa um compromisso com a preservação da memória afro-brasileira através de práticas museológicas inovadoras e participativas.

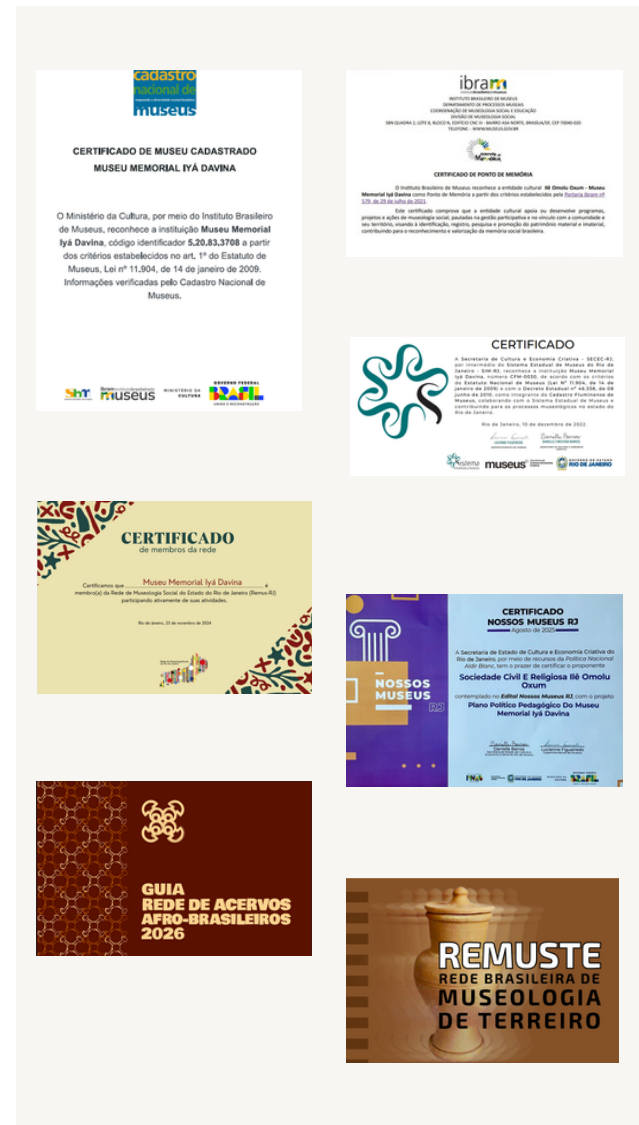
Sua implementação contribuirá significativamente para:

- ➔ **Preservação Cultural:** Salvaguarda de patrimônios materiais e imateriais únicos
- ➔ **Educação Antirracista:** Formação de consciência crítica sobre a história e cultura africana
- ➔ **Fortalecimento Comunitário:** Consolidação de laços sociais e identitários
- ➔ **Desenvolvimento Local:** Geração de oportunidades econômicas e culturais
- ➔ **Diálogo Intercultural:** Promoção do respeito à diversidade religiosa e étnica

A sustentabilidade do projeto depende fundamentalmente do engajamento contínuo da comunidade, do estabelecimento de parcerias sólidas e da capacidade de adaptação às demandas sociais emergentes. O museu deve ser compreendido não como um espaço estático de guarda de objetos, mas como um território vivo de memória, resistência e celebração da ancestralidade africana.

O sucesso desta iniciativa servirá como modelo para outras comunidades de matriz africana, demonstrando que é possível conciliar tradição e inovação, sacralidade e acessibilidade, memória e futuro, em um projeto museológico verdadeiramente transformador.

Este Plano Político Pedagógico e Museológico do Museu Memorial Iyá Davina foi elaborado com base em metodologias participativas e referenciais da museologia social, respeitando as especificidades culturais e religiosas do terreiro Ilê Omolu Oxum.





Reinauguração presencial do Museu Memorial Iyá Davina
Ilê Omolu Oxum - São João Meriti (RJ) - 17 de junho de 2021



Presente de Oxum na gravação do doc Balaio de Omolu
Marambaia - Nova Iguaçu (RJ) - 4 de março de 2021



Jornalista Leilane Neubarth entrevista Mãe Meninazinha
Ilê Omolu Oxum - São João Meriti (RJ) - 13 de outubro de 2021



Filhas e filhos de santos da casa antes da Festa de Oxum
Ilê Omolu Oxum - São João Meriti (RJ) - 28 maio de 2022



Vista parcial da exposição do Museu Memorial Iyá Davina
Ilê Omolu Oxum - São João Meriti (RJ) - 4 de janeiro de 2023



Mãe Nilce mediando uma visita no Museu
Ilê Omolu Oxum - São João Meriti (RJ) - 27 janeiro de 2023



Exposição fotográfica Respeite o meu Terreiro
Ilê Omolu Oxum - São João Meriti (RJ) - 8 de novembro 2022



Visitação da Fundação Ford - Turma Ford-Fellowship
Ilê Omolu Oxum - São João Meriti (RJ) - 26 de setembro 2023



Audiência pública sobre racismo religioso sediada no terreiro
Ilê Omolu Oxum - São João Meriti (RJ) - 24 de março de 2023



Doação do Oxê de Xangô pelo Ogã Fernando Ferreira da Silva Filho, único remanescente da Casa-Grande de Mesquita
Ilê Omolu Oxum - São João Meriti (RJ) - 6 de março de 2023



Visitação e aula - Turma de graduação em Museologia UNIRIO
Ilê Omolu Oxum - São João Meriti (RJ) - 8 de julho de 2023



Visitação Escola Municipal Unidade Integrada do 1o. Grau
Ilê Omolu Oxum - São João Meriti (RJ) - 13 setembro de 2023



Making of do ensaio fotográfico Moda de Terreiro
Ilê Omolu Oxum - São João Meriti (RJ) - 22 de novembro de 2022



Gravação da série de podcasts Memórias e Saberes
Ilê Omolu Oxum - São João Meriti (RJ) - 18 dezembro de 2022



Desfile em homenagem à Mãe Meninazinha de Oxum,
da Escola de Samba Unidos da Ponte
Sambódromo - Rio de Janeiro (RJ) - 19 de fevereiro de 2023



Lançamento do catálogo Moda de Terreiro
Museu da República - Rio de Janeiro (RJ) - 21 de março 2023



Oficina Cânticos e Toques de Atabaque
Ilê Omolu Oxum - São João Meriti (RJ) - 24 de março de 2023



Oficina Culinária de Axé
Ilê Omolu Oxum - São João Meriti (RJ) - 24 de março de 2023



Lançamento da pesquisa nacional Respeite o meu Terreiro
Ilê Omolu Oxum - São João Meriti (RJ) - 30 de abril de 2024



Devolução dos adés tratados pela professora Manon Salles
(Mãe Nilce, Mãe Meninazinha, Maria Helena Versiani e Mario Chagas)
Ilê Omolu Oxum - São João Meriti (RJ) - 9 de dezembro 2024



Gravação com Mãe Nilce de Iansã para a série Somos Museus
Ilê Omolu Oxum - São João Meriti (RJ) - 17 de março de 2025



Defesa da dissertação de mestrado sobre Museologia de
Terreiro, pelo Egbomi Marco Antonio Teobaldo de Oxóssi
Ilê Omolu Oxum - São João Meriti (RJ) - 17 de junho 2025



Ekedis Flavia, Larissa, Djenane, Fabíola e Sandra
Ilê Omolu Oxum - São João Meriti (RJ) - 12 de julho de 2025



Mãe Meninazinha e Mametu Mamebeji na Festa de Oxum
Ilê Omolu Oxum - São João Meriti (RJ) - 12 de julho de 2025

REFERÊNCIAS

BENJAMIN, Walter. **A obra de arte na época de sua reprodutibilidade técnica**. Apresentação, tradução e notas Francisco de Ambrosis Pinheiro Machado. 1. reimp. Porto Alegre: Zouk, 2012.

BENJAMIN, Walter. **Obras Escolhidas I: Magia e técnica, arte e política**. São Paulo: Brasiliense, 1994.

CHAGAS, Mario de Souza. **Há uma gota de sangue em cada museu: a ótica museológica de Mário de Andrade**. Chapecó: Argos, 2006.

CHAGAS, Mario. **Museus, memórias e movimentos sociais**. Cadernos de Sociomuseologia, Lisboa, n. 41, p. 5-16, 2011.

FREITAS, Ricardo. Olhares sobre o patrimônio religioso. GOMES, Edlaine de Campos, OLIVEIRA, Paola Lins de (Org.). **Memorial Iyá Davina: reflexões sobre o primeiro museu do candomblé no Rio de Janeiro**. Rio de Janeiro: ed. Mar de Ideias, 2016.

ILÊ OMOLU OXUM. **Memórias e Saberes**, documentário. Produção CULTNE, São João de Meriti RJ, 2023. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=kVrOf-F4Ddc> Acesso em: 12 de fevereiro de 2026.

ILÊ OMOLU OXUM. **Balaio de Omolu**, documentário 25 min. Produção QUIMERA EMPREENDIMENTOS CULTURAIS, São João de Meriti RJ, 2021. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=bC9LIVZEWXg> Acesso em: 12 de fevereiro de 2026.

ILÊ OMOLU OXUM. **Memórias e Saberes, episódios 1, 2, 3, 4, 5 e 6**. Produção CULTNE, São João de Meriti RJ, 2023. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=mx3Wm838JYE>, <https://www.youtube.com/watch?v=X3ZBJAWahbE>, <https://www.youtube.com/watch?v=2MBoLZH0s7M&t=34s>, <https://www.youtube.com/watch?v=WeCEs5HaLzw>, <https://www.youtube.com/watch?v=f1xguzqEoHo>, https://www.youtube.com/watch?v=Sxow_Qo0naw Acesso em: 12 de fevereiro de 2026.

ILÊ OMOLU OXUM. **Museu Memorial Iyá Davina**. Disponível em: <https://ileomolueoxum.org/museu-memorial-iy-davina/>. Acesso em: fevereiro de 2025.

INSTITUTO DO PATRIMÔNIO HISTÓRICO E ARTÍSTICO NACIONAL (Brasil). **Educação Patrimonial: inventários participativos: manual de aplicação** / Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional; texto, Sônia Regina Rampim Florêncio et al. – Brasília-DF, 2016.

JAGUN, Márcio de. **Filosofia Descolonial do Candomblé Nagô**. Rio de Janeiro: Litteris, 2024.

NASCIMENTO, Maria do (Mãe Meninazinha de Oxum). **História de uma Meninazinha – o legado ancestral**. Projeto Memorial Iyá Davina – Mantendo o legado ancestral. Ed. da autora, 2015.

OXUM, Mãe Meninazinha de (Maria do Nascimento); IANSÃ, Mãe Nilce (Nilce Naira Nascimento); CHAGAS, Mario de Souza; VERSIANI, Maria Helena. **A chegada do nosso sagrado no Museu da República: "a fé não costuma faia"**. In: PRIMO, Judite; MOUTINHO, Mário (Org.). Sociomuseologia: Para uma leitura crítica do mundo. Lisboa: Edições Universitárias Lusófonas, 2021.

PENNA, Antonio dos Santos. **Mérindilogun Kawrí - Os Dezesesseis Búzios**. Rio de Janeiro: A. Santos Penna, 2008.

PENNA, Fábio Rodrigo. **Uma confraria dos igbominas no Brasil**. Rio de Janeiro. F. R. Penna, 2011.

SALLES, Manon Regis Silveira. **Tecendo memórias, vestindo histórias: análise da coleção de objetos têxteis sagrados afro-brasileiros do Acervo Nosso Sagrado**. Dissertação (Mestrado em Museologia e Patrimônio) – Programa de Pós-Graduação em Museologia e Patrimônio, Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2025.

SANTOS, Maria Stella de Azevedo (Mãe Stella de Oxóssi). **Meu tempo é agora**. Salvador: Assembleia Legislativa da Bahia, 2010.

TEOBALDO, Marco Antonio. **Museologia de Terreiro – Vivências no Memorial Iyá Davina**. Dissertação de Mestrado. Orient. Mario de Souza Chagas. Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro - UNIRIO, 2025.

VERGER, Pierre. **Orixás: deuses iorubás na África e no Novo Mundo**. Salvador: Corrupio, 1981.



Endereço: Rua General Olímpio da Fonseca, 380 - São Mateus - São João de Meriti (RJ)

Site: www.ileomolueoxum.org

e-mail: yleomoluoxxum@gmail.com

Facebook: Ilê Omolu Oxum

Instagram: @ileomoluoxxum

YouTube: Ilê Omolu Oxum



ISBN: 978-65-978999-0-6



9 786597 899906

ILÊ OMOLU OXUM



Secretaria de
Cultura e Economia
Criativa



GOVERNO DO ESTADO
RIO DE JANEIRO

MINISTÉRIO DA
CULTURA

